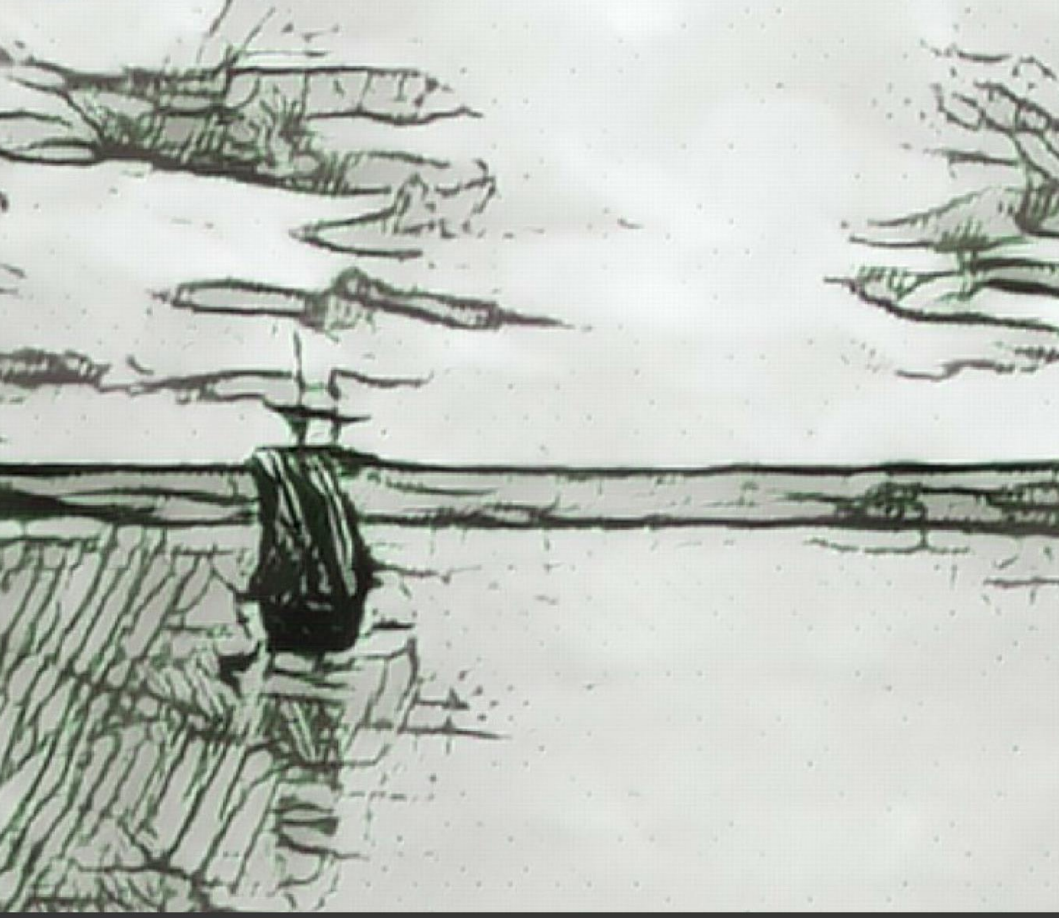


RIO ACIMA

A VIAGEM DE RICHARD HUGHES AO PARAGUAI EM 1841

FERNANDO CAMARGO

FERNANDO DA SILVA CAMARGO

Rio acima: a viagem de Richard Hughes ao Paraguai em 1841

1ª edição

Pelotas
Edição do Autor
2016

ISBN: 978-85-917377-1-0

Revisão: Artur Henrique Franco Barcelos

CAMARGO, Fernando da Silva
Rio acima: a viagem de Richard Hughes ao Paraguai em 1841
1ª edição
Pelotas
Edição do Autor
2016

SUMÁRIO

Agradecimentos 5
Razões da publicação 9
Transcrição 12
Tradução 17
Hughes 19
Paraguai e Francia 24
Argentina e Rosas 30
Inglaterra e Prata 33
Referências anteriores 41
Bibliografia 44
TRANSCRIÇÃO EM INGLÊS 46
TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS 95
MAPAS 146

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo da escrita de Hughes – TNA. FO 51/20 f. 245. 14
Figura 2 - http://www.bing.com/mapspreview - 19:25 de 28/02/2016. 15
Figura 3 - Don Ricardo Hughes - em 05/04/2016 19
Figura 4 - Thomas Hughes sênior - https://www.geni.com/people/Thomas-Hughes/1541378 em 05/04/2016 20

AGRADECIMENTOS

Existe sempre muita gente envolvida direta ou indiretamente em qualquer tipo de publicação e sempre esquecemos alguns nomes. Vou tentar não repetir esse equívoco, mas todos os envolvidos têm minha gratidão e quero elencá-los aqui.

À Tatiana, à Isadora e ao Gabriel, por me aturarem nas longas horas de transcrição e tradução sem nunca negarem afeto. Ao Joaquim e à Zaida pelo suporte além da vida. César, Isa, Eduardo, Rafael, Manuela e Murilo: pela inspiração e simplesmente por estarem aí.

Ao Institute of Latin American Studies, da School of Advanced Studies, da University of London, por meu acolhimento, com um

agradecimento muito especial à Professora Linda Newson.

Aos The National Archives, pela forma como democratizaram o acesso à documentação e a rapidez e presteza no atendimento e por ainda não estarem envolvidos na paranoia de *copyright* que vem atingindo muitos arquivos pelo mundo afora.

Ao Professor e amigo Fernando Comiran, pelo apoio constante e pela ajuda na resolução de questões cotidianas durante minha estada em Londres.

Ao Montgomery County Community College, na pessoa do Professor Aaron Shatzman, pela oportunidade de exercer a docência em inglês, ainda em 2007, garantindo o melhor entendimento e uso da língua (extensivo à Comissão Fulbright, óbvio).

Ao Professor e amigo Artur Barcelos, não apenas pela revisão atenta e competente, mas pelas inúmeras sugestões acolhidas nessa obra e pelo

contato, sempre rápido, com colegas paraguaios e argentinos para a eliminação de dúvidas.

À Universidade Federal de Pelotas e meus colegas do Departamento de História, pela oportunidade de realizar essa pesquisa.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Razões da publicação

Durante pesquisas realizadas nos The National Archives, de Londres, tive a oportunidade de ler um documento que, de imediato, me pareceu especial. O referido material encontrava-se sob o registro FO 51/20, fólios 230 a 277.

Não era material que interessasse ao cerne da pesquisa que eu estava desenvolvendo lá, que abordava o artiguismo na perspectiva britânica. Nós historiadores costumamos fuçar não apenas naquilo que, aparentemente, serve à nossa investigação num dado acervo, mas também acabamos entrando em corpos documentais paralelos, numa dessas avançadas acabei por deparar-me com esse relato específico.

A referência a esse documento não é inédita, pelo menos um outro autor já o utilizou como base para um artigo de Kiernan, publicado em 1955, na revista Atlante e tem por título "Britain's first contacts with Paraguay". Esse autor, entretanto, não traz uma

transcrição completa do texto, apesar de produzir uma interpretação interessante do manuscrito de Hughes.

Outro autor que traz muitas informações sobre o manuscrito é Scavone Yegros, no livro "La declaración de la independencia del Paraguay", de 2011 e no artigo "Antecedentes de la declaración de independencia del Paraguay".

Provavelmente o trabalho que chegou mais perto de oferecer uma transcrição completa do documento foi "Paraguay: imagen romántica", de Nagy e Pérez-Maricevich, que, aparentemente, apresenta pedaços inteiros do manuscrito. Não consegui, contudo, ter contato com esse livro: colegas e livreiros informaram ser muito difícil consegui-lo.

Nesse contexto, me pareceu apropriado e consequente realizar a publicação desse material, tanto em inglês transcrito diretamente do documento depositado nos The National Archives, como uma tradução para o português. Os detalhes dos processos de transcrição e tradução serão aclarados mais adiante, bem a decisão de não apresentar uma versão em castelhano.

Não bastava, na minha perspectiva, fazer mais um artigo sobre o relatório de Richard Hughes, mas sim apresentar o texto para que todos os interessados

no Paraguai do século XIX pudessem desfrutá-lo. Essa mesma razão estimulou que o material fosse publicado *on line* e gratuito, na medida que isso amplia, significativamente, o escopo de eventuais leitores.

Transcrição

A transcrição de documentos manuscritos antigos demanda do pesquisador uma série de traquejos que estão para além das técnicas paleográficas ensinadas nos bancos escolares e, muitas vezes, destoa dos processos mais aclamados de produção de conhecimento histórico, na medida que não é hermenêutica e tampouco análise.

É um processo cansativo, mas, na falta de um termo técnico adequado, também é "delicioso".

Os termos e as expressões usados pertencem a uma outra realidade, em termos culturais e cronológicos, portanto, o bom transcritor tem de estar o mais próximo possível de "lá" sem nunca conseguir alcançar a poltrona mágica em 360º que permitisse testemunhar os eventos e os processos em primeira mão.

Por isso, o transcritor tem de estar munido de informações, que perpassam pela caligrafia de época, pela história em seus mais variados aspectos e detalhes, pelo que já foi produzido sobre esse "lá", pela

realidade específica dos atores e, principalmente, sobre autores dos documentos.

Hughes tinha uma caligrafia leve e rápida, que aparentava tanto boa capacidade e treinamento de escrita (algo não muito comum na época), como velocidade. Seu texto pareceu-me impaciente e, talvez, ele tivesse realmente com pressa, pois o texto não se apresenta como um diário de navegação que poderia ter sido feito com calma ao longo dos eventos, mas sim um relatório feito de memória ou a partir de anotações ou, quem sabe, de um diário que permanece inédito.

Ele manteve, durante toda a escrita, uma leve inclinação para a direita de forma tão uniforme que denota um estilo.

Há sempre a possibilidade, que eu duvido, de que se trate de uma cópia feita por algum escrevente. Algumas pistas, como o uso impecável de termos em língua castelhana, as inserções de palavras em sobrescrito e os sublinhados (posteriores), apontam para que esse seja o manuscrito original. De qualquer modo, se o autor for outro, todas as considerações expostas permanecem válidas.

Essa leveza e fluidez na escrita, por seu turno, fizeram com que boa parte do texto estivesse, visualmente muito pálida, o que fez com que houvesse

momentos que demandaram o uso de efeitos de contraste, de negativo e uma boa lupa para reconhecer as palavras e letras específicas.

Algumas palavras só foram desvendadas após a revisão da transcrição e outras somente após a tradução, quando ficou evidente que algumas coisas estavam fora de contexto ou simplesmente não faziam sentido.

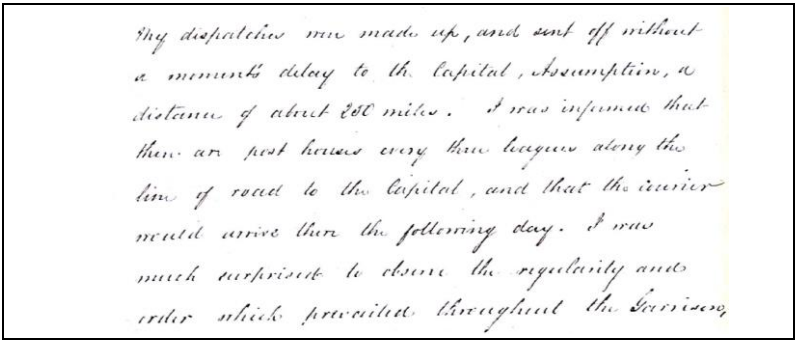

my dispatches were made up, and sent off without
a moment's delay to the Capital, Assumption, a
distance of about 250 miles. I was informed that
there are post houses every three leagues along the
line of road to the Capital, and that the courier
would arrive there the following day. I was
much surprised to observe the regularity and
order which prevailed throughout the Garrison,

Figura 1 – Exemplo da escrita de Hughes – TNA. FO 51/20 f. 245.

O caso que mais tomou tempo e, somente um bem depois da tradução foi esclarecido foi o da fortaleza de Orange, topônimo que Hughes disse dever seu nome à "famosa psina de Orange". Primeiro, conferir a existência de Orange foi complicado. Segundo, o termo "psina" sequer foi considerado nas primeiras transcrições. Tomei o termo inicialmente, por "puna", o que não possui significado nem em inglês, nem em castelhano.

No impactante momento em que me dei conta de que “psina” poderia, por algum tortuoso caminho ter ligação com a palavra luso-castelhana “piscina”, corri a verificar se isso era possível e sim, com a ajuda de um único atlas digital - os demais, mesmo os mapas históricos disponíveis não mostravam qualquer massa de água chamada Orange, a lagoa Anchorena, atual Argentina, mostrou-se com o nome alternativo de Orange.

Figura 2 - http://www.bing.com/mapspreview - 19:25 de 28/02/2016.

Ou seja, o autor quis castelhanizar o termo laguna, charco e, desconhecendo a grafia correta de piscina, escreveu psina. De fato, o mapa da viagem, que só foi descoberto e anexado depois apresenta um lago de nome Orange.

Esse é apenas um exemplo entre muitos

Outro aspecto importante para o leitor, é que não considerei acompanhar a transcrição com o manuscrito, para esse caso, linha a linha, mas sim, página a página. O que não quebra a fluidez do texto e ainda mantém rápidas e eficientes as possibilidades de recuperação de informação. O mesmo critério foi usado na tradução posterior.

Quanto aos sublinhados, que seguramente foram acrescidos posteriormente pela embaixada britânica em Buenos Aires, foram mantidos na transcrição, bem como as palavras sobrescritas adicionadas pelo próprio Hughes.

As notas de rodapé, tanto na transcrição como na tradução são todas minhas.

Tradução

A tradução do texto do manuscrito foi a que apresentou mais desafios, pois implicou na possibilidade de aproximações mais literais ou mais semânticas.

A tradução *ipsis litteris* não me parece uma possibilidade real, por isso me referi à ideia de "aproximação literal", ou seja, na qual eu pudesse acompanhar as mesmas formas apresentadas por Hughes. Por exemplo, para muitos cargos e locais, ele usa a inicial em maiúsculas, enquanto para outros não. Muitos termos em castelhano foram devidamente anglicizados ou mantiveram sua configuração original.

Esse tipo de problema, somado à dificuldade de traduzir expressões específicas - idiomáticas, tais como as de marinharia ou de diplomacia, fizeram com que eu desse ênfase bem maior ao entendimento das ideias que para mim (obviamente) o autor do manuscrito quis realmente registrar, em detrimento da forma, da aparência.

Simultaneamente, já que decidi por uma abordagem semântica, “modernizei” boa parte dos termos e expressões, para que pudessem ter um entendimento mais contemporâneo. Claro que, aqueles termos e expressões que considerei necessários para mostrar o que acreditei ser a vontade discursiva do autor, “em seu contexto histórico”, foram mantidas.

Felizmente para esse tradutor, a escrita da língua inglesa culta sofreu bem menos mudanças ortográficas e gramaticais que a língua portuguesa, diminuindo significativamente o esforço de tradução.

Fiz algumas padronizações no texto traduzido.

Primeiro, todos os prenomes de tratamento, independente do grau hierárquico e de como Hughes os tivesse colocado no original, foram passados para minúsculas.

Segundo, os topônimos foram mantidos como no original, apesar de, em muitos casos, ser possível um aportuguesamento dos mesmos. Contudo, isso não traria quaisquer vantagens, na medida que os topônimos, em sua maioria, eram de origem castelhana, sendo que muitos uma tentativa de castelhanização de termos indígenas.

Hughes

Figura 3 - Don Ricardo Hughes - em 05/04/2016

Richard Bannister Hughes-Mills nasceu em Liverpool, Inglaterra, em 27 de maio de 1810, filho de Thomas Hughes e Dorothy Mills.

Desconheço a ocupação dos pais nem sua classe. Uma irmã e um irmão de Hughes continuaram aparecendo nos censos de Liverpool até meados do séc. XIX, o que indica que a família não migrou toda para a América do Sul e, talvez, apenas Richard e seu irmão Thomas Hughes Mills o tenham feito.

Em sites especializados de genealogia costuma aparecer um retrato de Thomas Hughes sênior o qual, se for realmente da pessoa indicada, implica necessariamente em certo poder aquisitivo.

Figura 4 - Thomas Hughes sênior - https://www.geni.com/people/Thomas-Hughes/1541378 em 05/04/2016

Em 1841, aos 31 anos de idade, portanto, já era comerciante conhecido na praça de Montevidéu, onde mantinha casa mercantil com seu irmão e isso tenho por certo, tanto pela narrativa deixada por ele, como

pela troca de documentos diplomáticos posterior à sua viagem.

Antes disso, aparentemente, ele esteve nas Antilhas, especialmente em Santo Domingo, na ilha de Hispaniola, já aos 15 ou 16 anos de idade, logo após perder a sua mãe.

Depois esteve no Rio de Janeiro, onde atuou sob os auspícios de um certo John Seun[1]. Onde teve contato com os usos do comércio de longo curso entre grandes centros urbanos.

Em 1829 apareceu em Montevidéu, onde trabalhou sob León Ellauri, mas, em seguida já abriu a empresa Hughes Brothers com dois de seus irmãos mais novos[2]. Essa companhia chegou a abrir filiais em Buenos Aires, Rio Grande e Liverpool. À mesma época casou-se com Adelina Rucker (1834).

---

[1] John Sean?

[2] Essa afirmação se põe muito confusa, pois os sítios de genealogia apontam para três irmãs de Richard Bannister: Jane, Elizabeth e Dorothy. Thomas Highes, sênior, casou-se em segundas núpcias, pelas quais Thomas Bannister teve dois meios-irmãos: James e Mary Anne. Contudo, se for feita a busca por Thomas Hughes Mills, ele aparece como irmão de Richard, mas com nascimento desconhecido e morte desconhecida. O site da família, feito para comemorar os 200 anos de Richard Bannister não apresenta a árvore genealógica lateral, apenas a descendência.

Talvez entre a vontade de não ser apenas "mais um" comerciante inglês em Montevideo e para tal, dispondo-se a novos desafios, por um lado, e a pressão que a economia uruguaia devia sentir com a custosa e interminável Guerra Grande, em 1841 propôs-se a viajar ao Paraguai e abrir uma rota comercial inédita aos ingleses desde o fechamento daquele país.

A insistência de Rosas em não abrir o comércio via Argentina frustrou quaisquer intenções maiores que o narrador tivesse com sua viagem. Ainda assim, radicou-se em Buenos Aires, deixando a matriz de Montevideo a cargo de seu irmão Thomas.

Fez uma tentativa malfadada de virar estancieiro na província de Corrientes, onde monteou um *saladero*, em 1855. Ainda atuando na Hughes Brothers da capital federal Argentina, foi membro da Câmara de Comércio, integrou a diretoria da Casa da Moeda e tornou-se figura reconhecida nos ambientes econômicos de lá.

Em 1856 ele abandonou a linha de negócios que vinha praticando e transferiu sua ideia de tornar-se dono de estância para a margem do rio Uruguai, onde hoje fica Fray Bentos (primeiramente chamada Villa Independencia), cidade que o reconhece como um de seus fundadores. Ali adquiriu a estância "La Paz".

A partir de então passou a investir na renovação do gado uruguaio com a introdução de raças novas e promovendo o melhoramento das existentes.

Foi fundador da Associação Rural do Uruguai, que viria a ter grande impacto na troca de informações técnicas entre seus associados e, mais, seria de grande influência política naquele país.

Até o final de sua vida, Richard Bannister Hughes-Mills, participaria de diversas comissões públicas uruguaias e anglo-uruguaias.

Sua sucessão indicava a propriedade de mais de sete mil cabeças de gado vacum, cerca de mil quinhentos de cavalar e milhares de ovinos. A própria estância La Paz com suas inúmeras edificações. Morada e solares na cidade. Uma capela e muito mais.

Paraguai e Francia

José Gaspar de Francia é um dos indivíduos mais citados no texto de Hughes, aparecendo nas falas de diversas pessoas da narrativa. Segundo o autor, sempre que o nome ou o título de Francia surgia, se manifestava algum espanto e medo entre os mais próximos à conversação. De fato, a ditadura do doutor Francia marcou profundamente os fundamentos da vida paraguaia, quando aquele estado estava em seu período nacional formativo.

Para alguns estudiosos Francia, ou *el Supremo*, como costumava firmar documentos, foi simplesmente um autócrata absoluto, que teria afundado o Paraguai num poderoso conservadorismo isolacionista. Para outros, alguém que conseguiu lograr a autonomia e a estabilidade interna de seu país num período de conflitos por todo o Prata.

Herói ou vilão, ou nada disso, o supremo praticou dois atos administrativos ao longo de seu governo, que

impactaram a narrativa de Hughes, determinaram sua epopeia e estabeleceram a importância que tem esse documento para a contemporaneidade: 1) o isolamento formal do Paraguai; e, 2) a eliminação sistemática de documentos de públicos.

O isolamento paraguaio, que implicava na proibição do trânsito de pessoas e na restrição ao trânsito de bens nas fronteiras do país, tem relação estreita com a postura adotada no processo de construção de autonomias políticas contra a metrópole hispânica na bacia do Prata.

Quando os alvoroços revoltosos iniciaram-se em 1810, em Buenos Aires a completa autonomia política, ao menos formal e publicamente, não era defendida pela maioria dos liberais *criollos*. O que se buscava eram formas novas de coexistência com a Espanha europeia, caçando o ideal de todas as "espanhas" em pé de igualdade jurídico-administrativa e, especialmente, econômica.

Entretanto, a cidade porto de Buenos Aires foi, ao longo de boa parte do período colonial, a experiência mais próxima que as províncias do interior e do litoral tiveram de uma metrópole. No caso de Assunção e de todo o Paraguai, os ressentimentos com essa

supremacia portenha somavam-se ao fato de que, antes de Buenos Aires sê-lo os paraguaios haviam sido o centro do mundo hispano-platino.

A aversão a Buenos Aires decorria, sobretudo, da concentração de taxas em geral e alfandegárias em especial que aquela cidade apresentava para as demais províncias que desejassem fazer comércio para além da embocadura do rio da Prata. Esse fenômeno repetiu-se no período nacional, sendo um dos motivos, ainda que velados, para algumas das guerras federais.

Assim, quando a notícia da revolta de maio chegou formalmente ao Paraguai, muitas de suas autoridades (entre elas Francia) apostaram numa abordagem que não negasse os princípios defendidos pelos revoltosos, mas, simultaneamente, não aderisse submissamente a Buenos Aires.

Independência sem declaração normal e sem um Estado formalmente constituído. Esse encaminhamento alternativo abriu as portas para que um novo modelo de administração pública se instituísse: aquela em que somente uma figura ditasse o conjunto de normas do país, uma ditadura na mais profunda acepção da palavra, portanto.

A insistência de distintos governos buenairenses após a revolução de maio em incorporar o Paraguai à Federação Argentina, considerando a precoce expedição e derrota de Belgrano naqueles lugares, forçava as autoridades paraguaias a uma reação que estivesse conforme com a política de não adesismo. O reflexo foi o crescente isolamento político e econômico paraguaio.

Entretanto, o isolamento nunca significou o abandono de bandeiras tradicionais para aquele país, entre as quais se destaca a defesa da livre navegação dos rios da bacia e do próprio rio da Prata. As negativas brasileira, argentina e uruguaia de ceder qualquer cisco de soberania, desencadeou o agravamento do isolamento auto imposto.

Mesmo que Artigas buscasse uma aliança de Paraguai com *el Protectorado* ou Brasil buscasse uma aliança com o Paraguai no final dos anos 1820, na guerra contra Buenos Aires ou que o governo de Piratini buscasse uma aliança paraguaia a partir de 1836, Francia jamais se afastou da política de neutralidade, entre outras coisas frutos da paranoia (pessoal e do governo como um todo) vivida a partir de 1811 e que o consulado de López não viu diminuir tão prontamente.

No final de seus dias, prevendo a proximidade da morte, o supremo ditador emitiu uma ordem impressionante e com nefastos efeitos para o trabalho de futuros historiadores sobre o tem. Determinou que todos os documentos relativos ao seu governo fossem queimados quando falecesse, ora, como ele era o ápice do governo, em seus ramos executivo, legislativo e judiciário isso afetou toda a papelada administrativa e legal. Tal medida diminuiu significativamente a fontes de época disponíveis, pois mesmo os documentos ainda existentes ficam sob a dúvida de sua procedência, alterando, inclusive, a crítica externa daqueles que possam ser considerados autênticos.

Quanto a estados não platinos, a posição de Francia e do governo Paraguai era de um distanciamento ainda maior. E depois da formalização do isolamento, nenhum barco ou indivíduo de fala não espanhola teve acesso ao país, exceto com autorização explícita do governo central. Isso, muitas vezes, para azar do sujeito ou do grupo admitido, que não poucas vezes ficaram sob custódia do governo paraguaio: Bonpland foi um exemplo disso. Artigas, mesmo hispanófono, foi outro.

Assim, é simples e correto supor que a Inglaterra tinhas ganas de conhecer melhor o país. Suas riquezas, sua capacidade de comércio, suas defesas, o pensamento de seus líderes, as possíveis tensões internas. Mais que tudo, ganas de cartografar "à inglesa" as águas do Paraná que cortavam as províncias do litoral e do Paraguai.

Tal ação, no contexto político extremamente delicado do Prata de meados do século XIX, não podia tornar-se um nervo exposto da atuação diplomática inglesa. Era, talvez, necessário esperar a oportunidade que permitisse que um agente hábil, culto e com motivos e passado impecáveis se unisse à oportunidade única que a proximidade do falecimento de Francia trazia.

Argentina e Rosas

Na Federação Argentina, o segundo governo Rosas, que foi, efetivamente uma ditadura sob o princípio de *suma del poder publico*, tenteou entre o discurso federalista e uma prática mista, meio unitária, meio federal. Apesar de muitos historiadores referirem-se àquele período como sendo de anarquia política, na maioria dos aspectos comuns, o sistema jurídico administrativo argentino funcionou dentro de um estrito legalismo.

De qualquer modo, a ausência de uma constituição inviabilizava que o todo do *constructo* político argentino tivesse algum padrão, em termos ideais ou pragmáticos. A capital federal era apenas mais uma entre as capitais provinciais, exceto pela sua magnitude demográfica e sua capacidade econômica – essa balizada pelos recursos obtidos pelos serviços alfandegários. Assim, o período da história político-administrativa do país, entre a independência e 1852

(data da queda de Rosas), foi marcada por diversas guerras *federales* que opuseram províncias entre si e o governo federal contra províncias.

A política exterior do segundo governo rosista teve vários marcos, mas dois se destacam para melhor o melhor entendimento do texto de Hughes: 1) o bloqueio francês; e, 2) a tentativa de reincorporação do Paraguai.

O bloqueio derivou da expectativa francesa de aumentar sua influência geopolítica em praias sul-americanas. O país europeu utilizou-se de dois subterfúgios justificatórios para principiar um episódio de pressão diplomática contra o governo argentino. De fato, a percepção francesa de que a as guerras civis e a falta de uma constituição obliteravam a capacidade política internacional do governo argentino e suas províncias, lançou o predador sobre o que considerava uma criatura já abatida.

Mas a Argentina resistiu ao bloqueio, não sem perdas e capitalizou apoios políticos através do Prata, em nome de sua resiliência face uma potência estrangeira. Se aceitarmos os relatos de Hughes, mesmo os paraguaios olhavam com certa admiração a não

resignação ao bloqueio francês. E isso angariava simpatias para Rosas.

Quanto ao Paraguai em si, a política rosista mostrou-se ainda mais obstinada que os governos anteriores em considerar os paraguaios como cidadãos de Federação e considerar aquela nação como mais uma província. Por conta disso, a título de exemplo, Rosas logo que impôs as novas leis alfandegárias, determinou um bloqueio de certos produtos vindos do Paraguai, como tabacos e derivados, numa tentativa de forçar a adesão dos vizinhos (também sem constituição política) à Federação Argentina.

Como se desconfiava que o comércio oficial paraguaio tenha se convertido em contrabando, algumas medidas restritivas também foram estendidas à província de Corrientes, provocando insatisfação generalizada por aquelas bandas.

Inglaterra e Prata

Às vezes os historiadores voltam ao tema da densidade histórica, apostando na ideia de que alguns momentos ou períodos são mais densos em termos de eventos históricos relevantes que outros. Claro que isso depende sempre de que critérios possam ser utilizados para definir tal relevância e é, portanto, subjetivo. Minha opinião sobre o tema é pendular. Entretanto, se eu fosse nomear um período e uma região para chamar de denso, eu escolheria o Prata do início do século XIX.

Muita coisa que acabou sendo repetida e debatida exaustivamente acerca da história platina por pesquisadores e amantes do assunto aconteceu entre 1806 e 1851, os marcos cronológicos da primeira invasão inglesa a Buenos Aires e o final da Guerra Grande.

A invasão de 1806 mexeu com os brios da elite *criolla* portenha, colocando-os frente a frente com uma das maiores potências militares da época, a Inglaterra, sem

a intervenção das tropas metropolitanas espanholas. Mesmo a repetição, com mais, força, do processo de conquista britânico, em 1807, que envolveu Buenos Aires e Montevidéu, foi rechaçada pelos *criollos* organizados. Depois disso ninguém mais teria autoridade política efetiva no Prata fora os próprios hispano-platinos, com a exceção de Montevidéu, que teve de esperar até 1815.

No que tange à ação de indivíduos e grupos britânicos, o período entre 1806 e 1814 foi especialmente confuso. Conforme já tratei em "Britânicos no Prata" (1996), a conjunção de novos aliados e novos adversários, com múltiplas e desorganizadas oportunidades econômicas e políticas teve momentos de verdadeiro caos e crise de autoridade no processo de construção da diplomacia inglesa para a região.

Com o retorno de Fernando VII para o trono espanhol, em 1814 e a sucessão de eventos e processos que conduziram ao reconhecimento das independências sul e centro americanas em 1824, a condução das políticas de relações internacionais inglesas para o Prata tenderam à uniformização. Tal uniformização permitiria a construção do chamado império informal britânico.

Mas outros oportunistas estavam à espreita. Os Estados Unidos da América, no mesmo ano da celebrada vitória britânica dos reconhecimentos, formaram um conjunto de preceitos de política exterior que se apresentavam extremamente atrativa às jovens nações latino-americanas: a doutrina Monroe. Com ela o discurso diplomático norte-americano apontava para uma certa horizontalidade nas relações, por conta de uma suposta "irmanação" americana – ainda que na prática dificilmente se realizasse.

Brasil e Argentina não tinham apenas jurisdição sobre as maiores extensões territoriais na América do Sul, também tinham os principais portos do Atlântico com possibilidade de interiorização, especialmente por via fluvial.

Buenos Aires e Montevidéu eram, particularmente os portos com melhores condições para tal interiorização, junto com o porto de Belém (no Pará brasileiro), dadas as condições de navegabilidade em boa parte da bacia do Prata. Como Hughes nos mostrou, se ia de barco de Buenos Aires a Assunção, com quase nenhum transbordo.

Essas duas cidades portuárias, por esse motivo, eram lotadas de agentes estrangeiros. Alguns legitimamente

estabelecidos para o comércio ou outras atividades econômicas e outros obrando suas verdadeiras atividades sob uma capa de legalidade: a espionagem e a sabotagem. Quando se fala de espionagem, ela deve ser entendida em sentido amplo, o que inclui a exploração e o mapeamento e, mais além, a compreensão das disposições e posturas étnicas e suas correlatas cosmologias. Entendimento da cultura não apenas na acepção popular do termo, mas como cultura econômica, cultura política e assim por diante.

Eram tidos, consistentemente, como espiões, em Montevidéu e Buenos Aires, diversos indivíduos franceses, britânicos e norte-americanos. Vários ficaram famosos por missões específicas, na condição de adidos. É rica, por exemplo, a documentação do Foreign Office sobre o tema, onde as informações diplomáticas falam de seus próprios agentes e dos demais, tanto os tidos como certos e aqueles dos quais "se suspeitava".

Isso nos conduz diretamente à figura de Richard Hughes. Agente avançado de exploração e mapeamento ou legítimo comerciante britânico. Me parece que, nesse caso, as duas possibilidades não são mutuamente excludentes, pelo contrário. Minha

primeira leitura do material de Hughes, ainda nos Arquivos Nacionais, de Londres, me convenceu de que se tratava de um comerciante tal e qual. Por outro lado, a magnífica peça cartográfica que ele entregou ao Foreign Office, que aparentemente reproduziu e dispersou para outras agências políticas internas daquele país, não foi, uma única vez, referida na sua narrativa de viagem, a qual ao mesmo tempo, dava pistas de que ele realizava essa tarefa[3] (mas nunca no nível de detalhamento e especificidade que vim a conhecer nos quatro mapas, mais tarde).

A disposição que mostrara, desde sua saída de Liverpool, em aventurar-se por territórios longínquos, mostra um sujeito capaz de propor semelhante viagem em nome da riqueza e da fama (mais da primeira). Quanto mais neutra fosse sua empreitada, em termos políticos e diplomáticos melhor, entretanto ela não seria nem vagamente possível sem o suporte e o *visto bueno* das autoridades platinas ou sem o beneplácito de Whitehall.

---

[3] O colega e amigo Artur Barcelos, que acompanhava de longe a investigação, apostou nisso mais que eu, a princípio. É importante lembrar que os mapas só foram acessados bem depois da minha estada nos Arquivos Nacionais.

Quanto custavam esses apoios e passes? Que prometeu Hughes entregar no seu retorno? Um conjunto de mapas detalhados é certo, mas também uma narrativa compreensiva da excursão, para ser entregue para Londres e Buenos Aires, com o impossível desejo de seu autor de que uma não soubesse da outra.

A narrativa se adensa em vários conteúdos e passa batida por outros. Qual o critério? Não consegui encontrar nenhum outro que fizesse sentido além da tensão entre o que se quer dizer e o que se pode dizer. Existe um processo hermenêutico aqui, obviamente, e o sentido que extraí foi esse: o da "corda-bamba" narrativa. Era necessário agradar argentinos e ingleses com informações que fossem ao simultaneamente importantes e desconhecidas, ao mesmo tempo que não afetassem um possível futuro mercantil com o Paraguai, devido à delicadeza de tais informações. Da mesma forma, ingleses e argentinos não poderiam sentir-se preteridos uns pela quantidade de informação relevante fornecida aos demais[4].

O *timing* da expedição de Hughes não podia ser mais complicado. Eram tempos de Guerra Grande e de

[4] No sentido de que, possivelmente, se algumas informações fossem destinadas com maior ênfase a um dos lados, o outro, evidentemente, perceberia isso.

guerras federalistas. A primeira dilacerava o Uruguai entre os egos de suas lideranças político-militares e as últimas faziam o mesmo com a Argentina. Todos conflitos sob a égide justificatória de defesa de um suposto ideal unitário contra um suposto ideal federal.

As duas posições políticas existiam em camadas. Ou seja, podia-se ser, a princípio, ao mesmo tempo unitário e federal, dependendo do aspecto político ou econômico em questão. Essa visão de estratos aplica-se, por exemplo, sobre os regimes aduaneiros, ou ao sistema legal e assim por diante. Mais especificamente, foi observável pela forma "unitária" como os poderes regionais (provinciais ou departamentais) se sobrepunham aos poderes locais. O próprio Rosas teve atitudes consideradas unitárias e federais.

É interessante lembrar que o narrador da empreitada iniciou os seus preparativos em pleno correr da Guerra Grande e, mais, interessante ainda, recebeu o favor de Fructuoso Rivera, um dos principais contenciosos do conflito uruguaio. A intervenção de Don Frutos parece ter sido crucial para cruzar algumas das províncias argentinas em guerra contra Buenos Aires. Outra vez, uma questão a ser investigada é a do custo desse apoio.

Sob essa perspectiva, a viagem de Hughes torna-se uma aventura ainda mais admirável, não somente pelo que foi vivido pelos seus participantes, mas também, pelos preparativos e desenvolvimentos prévios necessários para que ela se tornasse possível.

Referências anteriores

Os irmãos escoceses John e William Parish Robertson fizeram viagens de negócios e depois estabeleceram-se em Assunção, como comerciantes, entre 1811 e 1815. Boa parte da informação "estrangeira" sobre aquele país vem das cartas que eles trocaram e foram publicadas em várias edições a partir de 1838. A primeira viagem de John entre Assunção e Buenos Aires (William chegaria pouco depois) permitiu-lhe amealhar uma pequena fortuna. A postura cada vez mais intransigente de Francia com relação a estrangeiros obrigou-os a abandonar o país.

A viagem de Hughes pareceu seguir os passos da expedição de John Robertson: ousada, pioneira e com grande potencial de geração de riqueza e, ao fim, os projetos de continuidade desse tipo de empreitada foi barrado, em ambos os casos, pela política regional.

Após a estada dos Robertson no Paraguai, escasseiam drasticamente as fontes documentais - conhecidas -

feitas por estrangeiros e, principalmente, se carece de narrativas de viagem. Hughes, portanto, reinaugurou uma rota que, conforme os próprios irmãos Robertson referiram em suas cartas, representava uma terra meio mítica, de onde pouca informação vinha, no interior profundo da América do Sul.

Com esse tipo de abordagem, V. G. Kiernan abre seu texto sobre a viagem de Hughes: "Paraguay, in the days of Dr. Francia was the Tibet of the western hemisphere, and Asuncion its forbidden city" (KIERNAN, 1955, p. 171). O desse autor foi um dos primeiros a tratar da viagem, sob uma perspectiva econômica mais e diplomática mais abrangente.

Mesmo assim, Kiernan concentrou-se mais nos esforços "pós-Hughes", ou seja, mais da metade de seu texto faz considerações sobre a abertura dos canais diplomáticos oficiais com o envio, em 1842, de G. J. R. Gordon para tratar desse assunto com o governo de Assunção.

Ainda que possamos encontrar um modelo em Kiernan, o autor – dos que pude ter o texto em mãos- que mais detidamente debruçou-se sobre a narrativa de Hughes foi Ricardo Scavone Yegros, num livro chamado "La declaración de independencia del

Paraguay" (SCAVONE YEGROS, 2011) e num artigo da revista chamado Antecedentes de la declaración de independencia del Paraguay (SCAVONE YEGROS, s.d.).

Esse autor, trabalha com diversas fontes documentais existentes no Archivo Nacional de Asunción e as retrabalha de forma a destacar algumas das "vozes" do material em detrimento de outras. Por seus textos pude perceber que existem pequenas diferenças entre a narrativa da viagem em espanhol (a qual não conheço, ainda, na íntegra) e o material que transcrevi no National Archives, de Londres.

Por fim, outro livro que aborda o tema da viagem é o produzido por Francisco Pérez-Maricevich e Arturo Nagy, sob o título de "Paraguay: imagen romántica" (PÉREZ-MARICEVICH & NAGY, 1969). Sendo que essa obra recolhe vários trechos de narrativas e descrições várias, sobre o Paraguai do século XIX, entre eles, algumas passagens de Hughes.

Confesso acreditar, sobretudo, que Hughes tem mais a dizer sobre sua própria viagem do que quaisquer de nós outros investigadores. Portanto, ei-lo.

Bibliografia

CAMARGO, F., 1986. *Britânicos no Prata: caminhos da hegemonia.* Passo Fundo: Udiupf.

IRAZUSTA, J., 1984. *Influencia económica británica en el Rio de la Plata.* Buenos Aires: EUDEBA.

KIERNAN, V. G., 1955. Britain's first contacts with Paraguay. *Atlante*, Outubro, Volume 3, pp. 171-191.

MULHALL, M. G., 1878. *The English in South America.* Buenos Aires: Standard Office.

ORTIZ, R. S., 1981. *Politica británica en el Rio de la Plata.* Buenos Aires: Plus Ultra.

PÉREZ-MARICEVICH, F. & NAGY, A., 1969. *Paraguay: imagen romántica.* Asunción: Editorial del Centenario.

PIMENTA, J. P. G., 2006. *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828).* 2ª edição ed. São Paulo: Hucitec.

RAMOS, R. A., 1959. *La politica del Brasil en el Paraguay bajo la dictadura del Dr. Francia.* Buenos Aires/ Asunción: Ediciones Nizza.

RIPPY, J. F., 1929. *The rivalry of the United States and Great Britain over Latin America, 1808-1830.* Baltimore: John Hopkins Press.

SCAVONE YEGROS, R., 2011. *La declaración de independencia del Paraguay.* Asunción: Servilibro.

SCAVONE YEGROS, R., s.d. Antecedentes de la declaración de independencia del Paraguay. *Revista Jurídica CEDUC*.

TATE, E. N., 2003. Gran Bretaña y Latinoamérica en el siglo XIX: el caso de Paraguay, 1811-1870. *Contribuiciones desde Coatepec,* Issue Universidad Autónoma del Estado de México, pp. 67-98.

WEBSTER, C. K., 1944. *Gran Bretaña y la independencia de la America Latina (1812-1830): documentos escojidos de los archivos del Foreign Office.* Buenos Aires: Guillermo Kraft.

WHIGHAM, T., 1988. Some reflections on early Anglo-Paraguayan commerce. *The Americas,* janeiro, Volume 44, pp. 279-284.

TRANSCRIÇÃO EM INGLÊS

Montevideo 18th March 1842

On the 25th June 1840, I addressed a letter to H. B. M Consul general at this place, setting forth my desire to visit the Province of Paraguay, soliciting his good offices in endeavouring to obtain from H. M. Government a special passport addressed to H. E. Don Gaspar de Francia, Dictator of Paraguay, commending me to H. E. protection as a British Subject, whose only object was to forward the commercial interests of his country. Mr. Hood immediately, and very kindly promised to lay my request before H. M. principal Secretary of State for Foreign affairs; and in the 2nd of February 1841, he placed in my hands a sealed dispatch addressed to Dictator Francia, which he informed me contained an official letter from Lord Palmerston in my favour, as likewise a certified translation of the same from the Office of the Consulate general. I also received a passport for Paraguay granted by the Foreign office. Mr. Hood further informed me that the British Government had no official relations with Paraguay, <u>and that the expedition would be undertaken on my own responsibility</u>, and that H. B. M. Minister plenipotentiary in Buenos Ayres had been instructed to use his influence in favour of my project. Without loss of time I proceeded to Buenos Ayres, and the 10th of February I wrote to Mr. Mandeville

elating my views, and requesting him to endeavour to obtain permission from the Buenos Ayres Government to navigate the River Parana on this occasion in a British vessel, on the ground that its neutrality would facilitate my endeavour to open a commercial intercourse with Paraguay. Mr. Mandeville informed me in reply, that he had make the application in the name of the British Government, and that the Delegate Governor, D. Felippe Arana, would give me an audience. I waited upon H. E., who stated, that in consequence of the war with Corrientes, the navigation of this River Parana was closed; that the Government of Buenos Ayres could not consent to my entering the River with a British vessel, without first obtaining the full acquiescence of the other provinces of the Argentine Confederation, but, that if I pleased to undertake the voyage in a Buenos Ayres vessel, this Government would fear in mind my application, and if they found that my personal character was free from the reproach of connection with the Unitarians, it might be granted, provided I chose to wait until it suited their convenience.

In the month of April, I returned to Buenos Ayres, and after waiting there for three weeks, was honoured by a second interview with Señor Arana, who did me favor [sic] to say that the Government now quite satisfied respecting my personal character, and that whenever the proper opportunity

arrived, I would probably obtain my licence, that many of my countrymen knew great Unitarians, and that none of them would have any hopes of getting permission. The state of the War not permitting H. E. to come to any decision at the time, he offered to permit me to proceed to the City of Parana in Entre Rios, and stated that he would recommend my person to Gen[l]. Echague, but would not interfere, respecting the expedition. I replied, that my object was to go up to Paraguay and not to Entre Rios, and that I was not disposed to undertake the voyage with the probability of being detained at the City of Parana.

I returned to Montevideo, acquainting M[r]. Mandeville with my intention of proceeding overland via Missiones and Corrientes, finding no prospect of being able to get permission to go by the River. This Gentleman said he thought I might yet obtain the licence, and kindly promised to see señor Arana upon the subject once more.

Upon my arrival in Montevideo, I made known my wish to President Rivera, who immediately sent per me, and having stated my object, he said he would feel pleasure in giving me any assistance in his power, and that if I decides upon going overland, he would provide me with an escort, and recommend me to Governor Ferré in Corrientes. Meanwhile, during the last week in May, I was advised that Governor Rosas had granted no permission

to go up to Paraguay, direct without detention at the City of Parana. The Argentine Brig Palm was purchased for the occasion, 166 tons burden, and a general cargo of the value of thirty thousand Spanish dollars was shipped, all in account of myself and brothers. A few days before my departure, Señor Arana sent for me, and applied to me in favor of one Torrent, a person in the confidence of the Buenos. Ayrean Government, who wished to accompany me, taking up an assortment of goods. - I replied, that as my permission had been obtained trhú [sic] the intervention of Mr. Mandeville, I must consult that Gentleman before giving any answer, tho [sic] I should be gratified in having an opportunity to show my acknowledgement for the favor conferred in the licence granted. -

Torrent, in consequence, shipped thirty five tons of Merchandise, and a cabin was provided for the accommodation of himself and two nephews, one of whom he introduced as his servants [sic].

When ready for departure, I was called to the presence of the Delegate Governor (in company with Torrent) who told me that the licence had been granted in consequence of the information they had acquired relative to my good conduct in Montevideo. - that the Government fully confided that I should not abuse the very great privilege conceded; that since my expedition have become public, there were numerous applications for licences, but that H. E. The Restorer of the Laws

had resolved that no other vessel would be allowed to proceed , until the return of the Palm, and after knowing the particulars of her reception in Paraguay.- That the Government of Buenos Ayres would feel indebted to us, if we were successful in opening the trade with Paraguay, and we were particularly charged to express from him, in the name of the Argentine Confederation, his favorable [sic] sentiments towards the Government, and his desire to facilitate by all the means in his power, relations of friendship and commerce with that country.-

I accepted this charge, with the consent and concurrence of Mr. Mandeville, whom I consulted in the Point.

Señor Arana further entrusted me with a printed copy of the whole correspondence which had taken place between the Government of the Argentina Confederation and the agents of France, during the blockade, which he requested me to deliver to the consuls of Paraguay at a fitting opportunity.

We sailed past Buenos Ayres in the morning of the 7th July 1841, and passing H. M. S. Pearl in the outer reaches, hoisted the Union Jack at the fm[5], and were visited by an Officer from that vessel, who offered any assistance we might require.

On the 8yh July, we anchored off Martin Garcia, the fortified island which commands the entrance into the Rivers Uruguay / Parana Guasú

[5] Probably a reference to the foremast of the Palm.

and having presented my pass to the Commanding Officer in the Fort, we were permitted to enter the River. We arrived at the City of the Parana, Cheif [sic] town of the Province of Entre Rios, on Sunday, the 25th of July, and the following day presented ourselves to the Delegate Governor; the Governor himself being absent with the Army in operations against the Province of Corrientes. We were permitted to proceed. From this place I had the honor to advise Mr. Mandeville of our progress. We sailed again in the 30th July, and in the 9th August got the vessel up to the Yaguarete Channel, eight leagues below the Town of Goya, in the province of Corrientes, whether [sic], I proceeded in the Ship`s boat, accompanied by Torrent, who have left the ship, and set off overland to the City of Corrientes. I was summoned to attend at the house of the Commandant, who made several enquiries relation to the expedition; my answers to which, he left down in writing. I was informed, that a strong prejudice was entertained against us by the Government of Corrientes, as it had been represented from Montevideo, that in [sic] had a political object in going, that the project of going to Paraguay had set in foot by Governor Rosas, with the view of obtaining information, and carrying Official correspondence to the Government of Paraguay. No obstacle, however was opposed to our going inwards, and the vessel passed Goya in the 15th of August.

On the 21st August, we came in front of the town of Bella Vista, about one hundred miles below the City of Corrientes, and were unable to proceed in consequence of the lowness of the River. The vessel draw nine feet water, and after sounding the pass, we found only seven feet and a half. I immediately started in the ship`s boat, and reached the City of Corrientes on the evening of the next day, the 22nd. – After some detention at the Office of the Captain of the Port, I was conducted to the house of the Delegate Governor, who received me with civility, and to whom I presented my passport. I was shortly afterward informed, that Torrent was considered as a Spy or private agent of Governor Rosas, that the Government of Corrientes had resolved not to permit us to hold any communication with the previous, and, that it had been intended to give orders to this effect to the authorities upon this coast, which however had been overlooked. I found that a general opinion prevailed that the vessel and cargo would be condemned, and I was credibly advised that Governor Ferré had declared his opinion, that he had a right to do so, the vessel bearing the Buenos Ayrean flag.

I took occasion to observe that H. E. would be mistaken, if he thought H. B. M. Government would recognise the Belligerent rights of the province of Corrientes, (a part of the Argentine Republic), when exercised against British property under

the Argentine flag. Later in the evening, I waited upon Governor Ferré, and I explained to H. E. the circumstances which had preceded, and attended the obtaining of my permission from Buenos Ayres, with which he expressed himself satisfied, adding, that I ought not to feel surprised to find a prejudice existed against us, which had arisen from the suspicions, caused by the circumstances of my having obtained a license, when the navigation of the Parana had been closed by the Government of Buenos Ayres. H. E. was further kind enough to promise to use his influence with the owners of two small schooners laying in the port, in order that they should go down and lighten the Palm, so as to enable her to ascend the River. "The only vessel now in the port", said he, "on preparing to load, but in a case like this, where their assistance is indispensable, I shall have no hesitation in informing their owners, that it will be necessary they should previously render their aid to lighten the Palm"; leaving the pecuniary conversation to be settled between the parties and myself. I enquired from H. E. if it would be agreeable to him, that the vessel should enter the port with her Ensign heisted. He replied, "Certainly, the present war is not against the Argentine flag, which is ours in common, but against the existing Government of Buenos Ayres". The morning following my arrival, the treaty

of Commerce and Navigation, effected between the Republic of Paraguay and the Province of Corrientes, was published by proclamation, after having been ratified by the Governor. A printed copy of this Treaty, I forwarded to Montevideo, directing it to be sent in to H. B. M. minister plenipotentiary in Buenos Ayres. -

Having concluded my arrangements with the owners of the two small schooners, I returned with them to the vessel, and by lightening her draft of water to seven and a half feet, I succeeded in getting her across the pass of Bella Vista, with considerable difficulty, and we anchored in the port of Corrientes in the 8th September.- Great endeavours were made to induce me to land my cargo at this place; where goods were much wanted, in consequence of the navigation of the River having been so long obstructed. I did not however consider myself authorised to take advantage of the circumstances, altho [sic] a reduction from off the usual rate of import duties from 25 to 8 per cent, was offered if I would do so. I replied that I had obtained through the medium of the British Minister in Buenos Ayres, a clearance for the Republic of Paraguay, and that I could not discharge my cargo elsewhere. I informed Mr. Mandeville of these circumstances under date 14th September, and of the necessity under which I had found myself to discharge a quantity of Salt, Wine and furthermore [sic] to enable the vessel to get safe to Corrientes.

Importunities were used to induce me to land the Arms and Ammunition which I carried with me for the defence of the vessel, which I was fortunately able to decline. - The Government of Corrientes has taken great pains to conciliate the Toba Indians, who inhabit that part of the Chaco opposite to their territory. They were permitted to land in the City, and rations of Meat, Tobacco and Rum are occasionally distributed amongst them. By this means the previous has contrived to evade the frequent incursions which these savages were accustomed to make upon its defenceless villages; and in the present war against Buenos Ayres, they have employed them in convoying communications to the armies of General Lavalle and La Madrid in the upper provinces of the Argentine Republic.

I found myself so much perplexed by the conflicting opinions expressed in Corrientes respecting the state of the River onwards to Paraguay, that I resolved to proceed thither in a canoe, and to form from personal inspection, my own judgement upon the state of the channel. Having obtained the permission of the Delegate Governor, I left Corrientes at 4 A.M. in the 16th September; about 2 P. M. entered the mouth of the River Paraguay, and at sunset arrived at the first piquet station, about seven miles from the entrance; when I found a guard of eight men under the orders of a Sergeant, to whom, I made known my object,

and who replied, that I should remain there for the night; and that on the following morning he would give notice of my arrival to the Alferez [sic] of the district, at the Guardia of Piriz.

The piquet station at which I had arrived, is called "el piquete de las tres bocas", and is placed upon a bank, about 20 feet above the surface of the water, and is protected by a stockade, formed of stout packs of timber driven firmly into the earth close together. The enclosed area is 40 feet in breadth X 31 feet in depth, open towards the River.

I found that the man speaks Spanish with difficulty, their conversation was carried on between themselves in Guarani, which they term Abañe'é, Aba, Indian, Ñe'é, Language. At the back of the little fortress, there is an almost impenetrable forest. A large watch fire was kept up all night, and a strict look out observed; as much in account of the Panthers prowling in the neighbourhood, as to prevent the Indians passing over from the opposite side. The following morning, permission was given to sound the channel, and we received some instructions relative to the navigation, and cautions about the Indians, who had lately been seen on the opposite coast. We started immediately on our return to Corrientes, and sounded the channel the whole way, finding a depth of nine feet in the shallowest part of it – At 2 P.M. we reached Corrientes, and made preparations for the immediate departure of the Brig.

The next day 18th September, we weighed anchor from Corrientes at 10 A.M., and at 2 P.M. entered the River Paraguay founding from 10 to 12 feet water on the bar at its

entrance; once inside this, we found six fathoms water at mid channel; a little after 5 P.M. we made fast to the bank at the piquete de las tres bocas, which I had previously visited.

The following morning the piquet was releived [*sic*] from the Guardia de Piriz, and the Alferez Commanding Officer came on board and put the following questions to me.

1st. From where we came and with what object? I answered that we had come from Buenos Ayres, with the object of trading.

2nd. If our object in coming, was solely that of trading? I replied, solely with that object.

3rd. If I had brought with me Official communications from any part? I told him I had in my possession, a dispatch, from the Secretary of State for Foreign Affairs of H. B. M., addressed to H. E. Don Gaspar Rodrigues de Francia, Dictator of Paraguay, which I placed in his hands. He evinced extreme caution on finding that the despatch was addressed to the late Dictator, and remained for some moments without the power of articulation, so much was he surprised and overpowered by my announcement that the dispatch was addressed to his late Master, the Dictator, and not to the

new Consular Government, as he evidently anticipated. Were I to attempt to describe the effect produced upon the phlegmatic countenance of my visitor, I should be accused of some degree of exaggeration, by all, who had not witnessed the scene. Surprise, Pleasure, not unmixed with reverence and even Alarm, showed themselves in his features in almost instantaneous succession, as the paper fell from his trembling hands, and he murmured the name, Francia! So much disturbed indeed, did he appear, that I silently and gently withdrew the document from his sight, and enquired what measure I should adopt, to forward it in the hands of the Consuls. He replied, that he thought the vessel had advanced too far up the River. I observed we had stopped at the first guard station we had seen; that I had previously obtained permission to sound the channel, and that I had not received any instructions to present myself elsewhere. He informed me that it would be prefer that the vessel should descend without [stop to[6]] the mouth of the River Paraguay, and that I might present myself at the Guardia del Paso de la Patria, upon the River Parana, situated opposite the Port of Corrales, in the province of Corrientes, and about eight miles above the confluence of the two Rivers. I agreed to do as he desired, but as a sting Southerly wind prevailed all the time, I obtained his consent to remain until it moderated, and then

[6] Inserted in the transcription.

dropping down the River Paraguay, we came to anchor, off its mouth, in the Parana.

This evening, I addressed a note to the Government of Paraguay, announcing the arrival of the Argentine Brig "Palm", stating that I forwarded therewith, an official communication from the Secretary of Foreign Affairs of H. B. M., jointly with a dispatch from the British Consulate General in Montevideo; as also, a passport granted by the Foreign Office; further, sharing that through the medium of the British Minister Plenipotentiary in Buenos Ayres, I had obtained a licence from the Government of the Argentine Confederation, as shown by the passport granted by the Delegate Governor of Buenos Ayres; and asking permission to open commercial relations with the country, promising to fulfil punctually the Decrees and Regulations which might exist with respect thereto. I further added that I had been desired by H. B. M. Minster Plenipotentiary in Buenos Ayres, to express his felicitations and respect to their Excellencies [sic] the Consuls.

On the morning of the 20th September, I started from the ship before day break in a canoe, and pulled up along the coast, a distance of about eight miles, when we entered within a channel formed between the main land and an island called Carayá, and shortly perceived the "mangrullo" or look out of the Guardia de la Patria, above the trees. On nearing the shore, two horsemen were seen approaching, who proved to be the Alferez or

Commanding Officer, accompanied by a Sergeant. I was received with courtesy on landing, and requested to walk up to the Guardia, which I found situated on a slight eminence about a mile from the water side. I was introduced into the apartment of the Alferez, who enquired if I had any dispatches for his Government, and upon my producing the packet, enclosed in an envelope addressed "To their Excellencies the Consuls of the Republic of Paraguay", he ordered the Post Master to be sent for, who immediately made his appearance, accompanied by a mounted Courier.

My dispatches were made up, and sent off without a moment's delay to the Capital Assumption, a distance of about 250 miles. I was informed that there are post houses every three leagues along the line of road to the Capital, and that the courier would arrive there the following day. I was much surprised to observe the regularity and order which prevailed throughout the Garrison, consisting of about one hundred and twenty men. The Guard Station is formed by 10 quadrangular stockade of hewn blocks of Timber, 12 inches square X 10 feet high, pointed at the top, driven firmly into the earth close together. A spacious Gateway stands in the entire of the port, neatly roofed over, and, at such angle, elevated above the stockade, a covered sentry box. A Convenient barracks, clean of whitewashed, is built in the area. A lofty look out, about 80 feet high

Commands an extension survey of the River Parana and surrounding country. I was conducted to a small apartment, prepared for my reception, in which it was requested to take my abode, until answers could be received from the Capital. During my residence here, I was permitted to take short excursions on foot in the neighbourhood, accompanied by a Sergeant, but did not see any signs of habitations. The area enclosed by the stockade is about 120 yards by 80.- Every evening, at sunset, the gate is closed, and armed sentinels are placed at each angle of the fortress; the watch word, "Alerta!", passing from one to the other every half hour. The troops muster Morning, Noon, and Evening. In the evening, before the watch is out, they are formed in a circle, and prayers are said. I did not see any Artillery. Their Muskets are kept in good order; packed in strong chests, each containing ten, the number of men required to equip one of their stale canoes, and when in service, one of these chests is placed in the centre of the canoe. The country around, is thickly wooded, and all the avenues which lead through the forest are protected by strong fences.

I had an opportunity of observing the dispatch with which the affairs of the Government are carried on, by the arrival of a Courier, at the Guardia, from Assumption to Corrientes. Notice was given of his approach by the look out, and upon his arrival, a Corporal was dispatched with 12 men to an

outer building, about a hundred paces on the left of the blockade, when Carts, Canoes , and other implements for the use of the Garrison were kept in excellent order under cover. A canoe was taken out, placed on a cart, and conveyed down to the water. Ten other men, were formed in double line, in front of the Alferez's quarters, each furnished with a paddle, & upon the word being given, marched down in strict military order & silence, followed by the Alferez in full uniform, accompanied by the Post Master; and in fifteen minutes after their arrival, the dispatches were in their way across the River, to the Port of Corrales in the Province of Corrientes. On Thursday the 23rd of September, at 9 P.M. an express arrived at the Guardia de la Patria, and in four minutes afterwards, the Alferez placed in my hands and enclosure addressed, "from the Consuls of the Republic of Paraguay to H. B. M. subject" &c. &c. &c. acknowledging the receipt of the dispatch from H. B. M. Secretary for Foreign Affairs, jointly with the Official translation thereof, from the British Consulate General in Montevideo; stating, that the original dispatch remained unopened, under the supposition that it would be written in the English Language, not understood by the Consuls. That their Excellencies were very desirous of maintaining firm amity with the Ministries of H. B. M., and devising me to transmit to Mr. Mandeville, their assurance of high appreciation, with which they had received his

felicitations. The dispatch further contained permission for me to proceed with the vessel and cargo to the Port of Villa del Pilar de Ñembucú; there to effect the disposal of my merchandise in barter for the produce of the country. I also received a verbal message from the Commandant of the said Villa, offering his services to obtain a house for me to inhabit, which however I thankfully declined, being desirous to remain on board the vessel, in order to be able to check the conduct of the Crew. I immediately addressed myself to the Government, admitting the license to go to Ñembucú, and announcing that I was charged by the Delegate Governor of Buenos Ayres, in the name of the Argentine Confederation, to communicate the expression of his good will towards their Excellencies the Consuls, and of his desire to facilitate by all the means in his power, relations of friendship and commerce with that country. The Courier started off on his return about 10 P.M. with this communication. Early in the morning of the 24th, I returned on board of the Brig, after expressing my acknowledgement to the Alferez for his hospitality. We were accompanied to the beach by the Alferez and subordinate officers, who all manifested their good wishes in our favor. On coming out of the stockade, I observed 40 horsemen, drawn up in line, each provided with a stout Axe over his shoulder

I enquired from the Alferez, who they were, & with what object they were collected? He replied, that they belonged to the Cavalry Militia of the district. Orders had been received the previous evening from Assumption to make a new road from the Guardia to the point of the confluence of the Rivers Paraguay & Parana. The men were awaiting orders to commence their operations. So promptly and efficiently is every mandate of the Government fulfilled.

During the time which the vessel remained at Corrientes, Torrent informed me that he had met with a native of Buenos Ayres, who had just come down from Paraguay, on his way to his nation country, having been detained upwards of twenty years by the late Dictator.

This man, named Villarino, gave certain letters to Torrent, which he said, were addressed to parties, able to forward our views with the Consuls.

I expressed my surprise that he should have ventured to communicate the object of our mission to any private individual, when he could not, by possibility, ascertain, if he really possessed the influence he laid claim to, and I further gave him notice, that I would not permit myself to be implicated in any private correspondence upon the subject; that our message was direct to the Government of Paraguay, and that while I should fulfil my engagement with

Señor Arana, frankly and fearlessly, I was quite determined not to countenance any attempt to sound the political sentiments of private individuals, nor did I care to enquire how they might feel, with regard to placing their country under the control of Buenos Ayres. Upon my return on board the Brig, I acquainted Torrent of the tenor of my last note to the Consuls; and reminded him that our mission was fulfilled, & that henceforth, no intercourse must be held with any party upon the subject, except the Government itself.

Having thus obtained the permission of the Government of Paraguay to proceed to Ñembucú, the Brig again entered the River, On Saturday the 25th September, and passed the piquet de las tres bocas, when we run now bold to proceed forward. On the 26th, we passed successively, the piquets, Playas and Palmar, passing between the left bank of the river, and an island into a channel running almost East and West, at the upper end of which stand the stockade & Guard of Curapaiti. Hence, the river takes a more northerly direction, shortly bringing us in sight of two islands, which we left on our right, standing close on the shore of the Chaco, round a deep bay which leads to the Guardia stockade of Umaytá [sic], where the River in its course flows about the distance of half a mile to the Northward. At the lower entrance of the two islands, the channel is guarded by the piquet Araza. A little inland of the Guardia do [sic]

Umaytá, stands the village of the same name. We were detained here from the 26th of September to the 1st of October, by want of a fair wind. In the 30th September, eight or ten armed canoes passed down the stream to relieve the Guardia de la Patria. The Alferez in command came on board. Leaving Umaytá on the 2nd October, we passed the piquet de Timbó, and steering up a splendid stream E.N.E. came to the Guardia and Stockade of Tayú, where Soria was made a prisoner by Francia`s troops after having descended the River Vermejo, from Oran in Bolivia, in the year 1826. On the 3r [sic] October, we passed Tayú & shortly came in sight of the mouth of the River Vermejo, Ỹpuitá, in the Guarani language, which as in Spanish, signifies Red River a few leagues more carried us to the piquet do [sic] Monterito, and at 2 P.M. we entered the channel between the main land of Paraguay, and the island, which form the port of Villa del Pilar de Ñembucú. Came to anchor opposite the Port Guard house, and hauled the vessel close to the bank. The shore was thronged with people, who evinced signs of satisfaction at our arrival. I immediately presented myself to the Military Commandant, D. Francisco Perreyra, at the Port Guard house, who told me he had orders from his Government, to hand us every help we might require, and to give us all possible liberty in our commercial transactions. - The town of Ñembucú, is situated on the left bank of the River

Paraguay, in 26.52 South Latitude, and 58.11 Longitude West of Greenwich. The town is laid down in square, all the lands not built upon, being enclosed with strong fences. The principal square, situated at the back of this town, is a quadrangular area of about 240 yards by 180. There stands the Church & Curate's residence, the State School, the Commandancia or residence of the Military Governor, the Cabildo, and the Custom house. One end of the plasa [sic] is occupied by Infantry barracks. There are also spacious troop quarters within the Commandancia.

The port has four fathoms water along side [sic] the bank, is sheltered from all winds, has room for a hundred vessels to discharge and load close to the bank. It is guarded by a stockade, similar to that I have described at the Guardia de la Patria, garrisoned by about 60 men. There stands the Office of the Captain of the Port, and a Custom house depot. We found within the Port on our arrival, six small vessels from the City of Corrientes, which had gone thither under the terms of the Treaty recently celebrated. I found also to my surprise, the Officer who had boarded us in Umaytá. He had been sent for, to the Guardia de la Patria, to explain the reason on him having come on board, when on his way to his Station. On the 6th of October, I forwarded to the Government, through the Commandant, the printed documents containing the correspondence between the Government of Buenos Ayres and the Agents

of France during the blockade, stating that I had been charged to deliver them by the Delegate Governor of Buenos Ayres at a proper opportunity, which I considered had arrived with the admission of an Argentine vessel in one of the Ports of Paraguay.

On the 7th of October at 11 A.M. I was summoned to the Office of the Commandant, and in his presence, that of the Actuary and his Officers, the following interrogations were put to me, which had just arrived by an Express from the City of Assumption.

1st . Have it happened that I had presented myself with the flag of Buenos Ayres, seeing that I had brought official communications from the Secretary of State for Foreign Affairs of H. B. M. and a passport from the same, endorsed by the British Legation in Buenos Ayres?

I answered that the investigation of the River Parana under a Foreign Flag had no precedent, that having on the occasion, solicited a pass for a British vessel, the Delegate Governor of Buenos Ayres had stated, that he had not the power to grant it, inasmuch, as it was necessary to obtain the consent of the other provinces of the Argentine Confederation.

2nd. If this was done on the supposition that the Republic of Paraguay appertained to the jurisdiction of Buenos Ayres, as was given to understand by an intercepted letter dated 10th of June last past, from that same Governor

Rosas to his Lieutenant, in which he sacrilegiously insults the Independence of the Country, and its Government.

I answered that I had no reason to suppose that the country was as part of that under the Jurisdiction of Buenos Ayres; on the contrary, I had been particularly charged to fulfil all the deems and regulation of its Government during my stay. That I knew nothing whatever about the letter, although I was not far from being persuaded that it might be suppositions, and forged in Corrientes.

3rd. Supposed I were ordered by the Government, to navigate with the British or the Paraguayan flag – whether I should have any difficulty or objection thereto.

I answered that if the Government required it, I should have no objection to navigate to Buenos Ayres with the flag of Paraguay, convinced that it would be well received, and that as it related to my own interests, its neutrality, under the actual circumstances, would shield me from any attack.

After concluding this communication, the Commandant asked me, what flag I had heisted in the port of Corrientes. I answered, the Argentine, as it would be easy to prove by testimony of the entire crew, with the consent of Governor Ferré himself, who had said that the war was not against the Argentine Flag, but against the actual Government of Buenos Ayres.

On Monday 11th October, I made my appearance at the Office of the Commandant, according to order, and was told in the name of the Government, that the printed communications had been received, but that notwithstanding the friendly profession of the Delegate Governor of Buenos Ayres, the Consuls declined for the present, to give credit to the tenor of the letter of the 10th June, notwithstanding I had classified it as suppositions. That the Government of Corrientes had manifested its principles of moderation and justice by admitting the flag of its enemy within its port. That the Consul wished every individual who went to Paraguay to take his own flag, and not exclusively that of Buenos Ayres. Permission was granted to me for a salute in honor of the feast of the Patron Saint of the Villa, which I had solicited in accordance with the request of several inhabitants of the town.

Accordingly, in the evening, at Sunset, I fired a salute of five guns, and on the morning of the 12th, the day of the feast, at sun rise [sic], I fired a salute of twenty one guns. The Curate, the Alcalde and Corregidor, paid me a visit after service, and later in the day, I waited on the Commandant, when a Government dispatch was read to me as follows, The Consuls of the Republic of Paraguay, command the Military Commandant and Government Delegate of the Villa del Pilar do

Ñembucú, to transmit their thanks to the British subject &c. &c. &c., for the salute of twenty one Guns with which he contributed to the celebration of the feast of N. S. del Pilar, on the 12th day of the present month.

Further, that the Consuls have reflected upon the answers which had been given by the aforesaid British subject, to the interrogation put to him by their order, and feel fully satisfied of his veracity and good faith.

Further, that the Consuls grant their permission to the said British subject to pass on to the Capital of Assumption, carrying with him his personal arms, together with one of his company, whomever he may think proper to do so, whereupon, the Commandant of the Villa del Pilar, will cause to prepare the largest Government Canoe under his charge, and provide four of his best and stout peons, with two fusilier guards, properly armed and accounted, who will be charged to use due caution on the transit, to avoid the Indians of the Chaco, who have manifested of late a hostile disposition on some parts of the coast, and the Commandant will provide the said British subject with a pass, ordering the Guards and piquets in the transit, to give him every assistance he may require. I named the man Torrent to accompany me, but was given the understand he was not considered as belonging to my company, but a ready consent was given that

our Countryman, Mr John Markland should do so. Persuaded that it would be proper that I should present myself as soon as possible to the Government. I stated to the Commandant that I was prepared, to which he replied, that I should set forth the following morning at day break. We started from Ñembucú, at Sun rise in Sunday the 17th October, accompanied by six men, and at sunset, passed the mouth of the River Tebiquari, which is navigable for small vessels as far as Villa Rica, a district in which, Tobacco is chiefly cultivated. We found the whole line of coast guarded by piquet stations, at distances of three miles from each other. We stayed during the night, at the first piquet beyond the mouth of the Tebiquari. On Monday, the 18th, we passed the Herradura, and at 4 P.M. came to the inconsiderable town of Villa Franca, we continued on until 10 P.M., when we arrived at the Great Guardia of Formosa, built by the late Dictator in the Chaco, with the object of restraining the incursions of the Indians. This port is similar in its construction to that at the Guardia de la Patria, on the Parana, excepting, that it is much more extensive, and the interior buildings are built of brick, and roofed with tiles, in order to render it fire proof. On Tuesday, the 19th, we proceeded up the River, and at night arrived at the Guardia de Reculeto, finding the coast occupied by Estancias or Grazing farms. - Early on the morning of Wednesday, we

passed another Fort on the Chaco, named Orange, after the celebrated Psina[7] of Orange, and at sun set came to the Guardia del Mortero. On Thursday the 23rd, we reached the Guardia de Monteclaro, in the Chaco, the most convenient and extensive of all the Guardias. On Friday, we came up to Angostura, a channel confined in its course by a bed or rocks stretching out from the Paraguayan side, and came in sight of the Hills of Cumbaryti, and shortly arrived at the Town of Villeta, thinly inhabited, but with a good church. Here also, we found a guard in comfortable quarters. The surrounding country is very thickly populated. A little above the Villeta, stand the Guardia de Santa Helena, in the Chaco. From here, the character of the River become considerately more picturesque. The main coast of Paraguay is bounded [sic] by high cliffs of red freestone. Under the cliffs of Saint Antonio, we found a tribe of Payaguá indians located; the chief spoke Spanish very fluently. At 11 P.M. we passed the very romantic district of Lambaré, continuing on, until then, in the morning of Saturday the 25th of September,[8] when reached the Guardia de las Cañoneras, at the City of Assumption, when we landed, and remained until day break, when we were conducted to a very fine Edifice, the barracks of the Hospital, in order present ourselves to the Commanding Officer, who is the principal military chief in the Republic; the only one who holds the

[8] This page has a chronological mistake and this line has a question mark at the end.

rank of Captain, and who has under his command the Battalion of grenadier Guards, formed by the late Dr Francia for his body Guard, which at present consists of about four hundred men, whose average height cannot be less than 6 feet 2 inches, and whose arms and accoutrements an equal to those of European Troops, and are a much finer body of men than I ever seen elsewhere in South America. At this early hour we found that the Commanding Officer had gone to visit the different Military Fists within the Capital, and to present his daily report at the government Palace. We returned to our canoe, and were taken up to the Guardia del Galpon, where we found the Officer in question, Captain Dennis, who received us with great kindness, and caused us to be taken to the house of Lady Martines Saenz y Mariño, which had been prepared for our reception by the order of the Government.

At 9 A.M. an Officer from the Government palace, called to inform me, that Su Señoria Consul Lopez was prepared to receive me, and I immediately accompanied him to the presence of that personage. Su Señoria received me with great courtesy and bade me welcome to Assumption. After enquiries respecting my journey up from Ñembucú, & the treatment we had met in the way, he said he wished to give me some apology for the interrogatories to which I had been submitted, and expressed his entire conviction

of the sincerity of my replies, and of my own good faith. Su Señoria proceeded to say, that the contents of the letter of the 10th of June had excited his high indignation, inasmuch the Government of Paraguay had not in any manner attacked that of Buenos Ayres, and that in the letter, not only was an attack gratuitously inferred against the Independence and Rights of that Republic, but that the persons of its first magistrates were wantonly and grossly insulted. That he and his colleague desired to maintain peace and friendship with all the world, but particularly with neighbouring States, but that I could easily understand that sentiments of this nature, between Governments, had but little valour when verbally communicated. If said he, the Government of Buenos Ayres, really desires to form good relations with that of Paraguay, what difficulty had it met in addressing itself thro the medium of a dispatch? That, nevertheless, he had received with appreciation the friendly disposition of Señor Arana, and that he should feel particular satisfaction in being able to manifest to him his desires of rendering him personal service. That the Government of Paraguay had already taken into consideration the conveniency [sic] of opening a communication with that of Buenos Ayres, through the means of an accredited person. That this disposition had advanced so far, that a person had been fixed upon, who would have been commissioned, but with

a letter before them such as that of the !0th of June their resolution had been changed. That the letter in question had not been intercepted, but had been sent by the Oriental Government, accompanied by official documents which placed its authenticity beyond all doubt. That the letter was addressed to a person who has ceased to exist. And after his decease, it had passed into the hands of the Oriental Government.

Su Señoria inquired if I was acquainted with the autograph of Governor Rosas, and offered to lay the letter before me. I informed him that I was not acquainted with the hand writing of that personage, and as I could not consent to become personally responsible for either his political views or acts, I begged to decline the confidence he proposed to honor me with. I however begged Su Señoria to pardon my boldness, in repeating in his presence, my doubt respecting the authenticity of the letter. The circumstance of its containing wanton and gross insults, was tome, as convincing proof that it did not emanate from its indicated origin. That Governor Rosas usually went straight to his point, and that his policy was too candid and elevated, to direct personal attacks of the nature indicated in the letter; that whatever his ulterior views might be, I considered he had too much experience, and was ever circumspect to express himself in the terms and tenor stated. - In order however, to

place this beyond a doubt, and to prove the sincerity with which I had undertaken to transmit or communicate the favorable disposition by Señor Arana, I proposed to Su Señoria, to place my vessel and cargo under the protection, and to start immediately for Buenos Ayres, to obtain an immediate and official denial of the fact.

I begged the Consul, at least, to suspend his judgment upon the particular, and on no account to hide his opinion, of the views of Governor Rosas upon the letter, as if it was authentic, the Government of Paraguay, by its connection with the province of Corrientes, would have obtained many other proof, more convincingly of the intentions in it declared, afforded by the Archives of the latter at a period when it did not exist as a separate state, or as dissident from the Government of the Confederation; but not having such evidence, it was clear it did not exist, because the correspondence between Governor Rosas and the deceased Governor of Corrientes, Atienza, had been my intimate, and that from it, something would have reached his hands, more probable, more official, and more in order, than the present vague letters. I reminded the Consul that the Government of Buenos Ayres had not received any official notification of the change of Government in Paraguay, and that consequently it could ill address itself without knowing to whom. That my admission to trade with that country had been

considered my doubtful [sic], and that consequently Su Señoria had less cause to be surprised, that the friendly disposition of Señor Arana, should be communicate verbally. That my expedition had been meditated before the death of the late Dictator had been known, and that at my instance, The Government of H. B. M. have addressed a communication purely in my favor; that the Government of Buenos Ayres had consulted, at the request of the British Minister, to grant me a pass to Paraguay, without interruption, notwithstanding that the transit to the intermediate province of Corrientes was closed. That the expedition had had its origin in a wish of mine to visit that Territory, that the British Government in recommending me, and that of Buenos Ayres, in granting me the pass, had both warned that the responsibility was mine. Neither had any official relations with the Government of Paraguay, and are ignorant if the latter desires to establish such; further than to recommend my person and property, and that of Buenos Ayres, had showed its disposition to cultivate relations of commerce, by summoning in my favor, the strict incommunication [sic] of the province of Corrientes, and that the Delegate Governor had charged me, jointly with Señor Torrent, now in Ñembucu, to communicate or transmit, in a suitable occasion, these sentiments to the Government of Paraguay.

Su Señoria made no remark upon my association with Torrent, replied, that he highly appreciated the friendly sentiment of Señor Arana, adding that as I was without any public character, we could not arrange anything, but that on my return I should carry corresponding answers, which would manifest the disposition of that Government. In a general conversation followed, Su Señoria expressed himself much interested in the correspondence between the Argentine Gov^{t}. and the French Agents, during the blockade, and evinced his admiration at general Rosas' firmness in maintaining the rights of the nation. He condemned equally, the violence of the press, in Corrientes and Montevideo, which is said was mere calculation to excite than to guide; as also the imprecatory motto of the Buenos Ayrean Stamp papers, which he said, argued unfavourably for the eminence or excellence of the Government of that place. He complained that the publications issued by Foreigners, who had been in Paraguay, were unfair in their accounts of the country, and that the Government of the late Dictator was misrepresented in many instances.

He was desirous to know what object the French Residents in Montevideo could have, in protesting against a Treaty which had happyly [sic] peace between their country and Buenos Ayres, and lent me a copy of A. G. Bellemaris report to his constituents, published in the Nacional Correntino

paper, stating that it[9] appeared therefrom, that the British Government was likely to adopt Mr Bellemaris views. Upon taking my hand, Su Señoria told me, that he had desired his Minister of Finances, Juan Manuel Alvarez, and his Secretary of – Government, Domingo Francisco Sanchez, to attend to any representation I might have to make, and that the following day he would be glad to see me. The next morning, at the same hour, accompanied by an Officer in waiting, I proceeded to the Government palace, and was honoured by an audience of the Supreme Government, Their Excellencies [sic], the Consuls Carlos Antonio Lopez and Mariano Roque Alonso, being both present. I may here observe, that when as in this occasion, both Consuls are together, their style is Excellency, when apart Señoria.

H. E. Consul Lopez requested me to cast from my mind any impression respecting the intercepted letter, as far as related to myself, and reiterated his conviction of my own good faith at least. He went on to say, that he was fully aware of the backward position of Paraguay, in respect to the great advances made by the world at large in science, and expressed his conviction, that the resources of the country would be more speedily developed by the assistance of foreign talent, industry and capital. That he personally was favorably [sic]

[9] Superscript word.

disposed towards the admission of foreigners of good conduct, providing they would submit themselves to the existing Laws of the Country.

The British Government might rest assured, that any British subjects who might wish to establish themselves as Merchants, in Itapua or Ñembucú, would met with justice and protection. That these two ports had been named by the Sovereign Congress of the Republic, as the sole ports to which Foreign Commerce should be permitted. That when the war in the neighbouring states was over and confidence established, this might, perchance, be altered.

Professional men, as Doctors of Medicine, and Apothecaries, or Artijans [sic] and Mechanics, who might wish to establish themselves permanently in the country, might present themselves at one of the aforesaid open ports, and after making their representations to the Government, the circumstances of each individual case would be taken into consideration, and a decision made thereupon. The late question of the French Blockade, shared, that an indiscriminate admission of Foreigners, respecting whose character and conduct nothing was knowns, might involve the country into difficulties and disputes so far as Foreign Commerce was concerned, all parties and nations, might import their commodities to Ñembucú or Itapua, on the payment

of the established duties and take away their returns. Such parties would only have to obey the police regulations of the ports mentioned, necessary for the preservation of order and tranquillity; that their position as Foreigners would not be intruded upon; that they would have full liberty to effect all their transactions without interruption or interference; but that any individual who of him own accord, wished to establish himself permanently in any other part of the country, could only expect to obtain permission to do so, after the Government had been satisfied of the propriety of granting such permission in the particular instance, and in which case, it would be expected that they should cheerfully comply with the general Laws of the Republic. I ventured to remind to him, that I had been named by the British Minister in Buenos Ayres, that my expedition to Paraguay was undertaken entirely on my own responsibility; no official relations existing between the Government of the two countries. H. B. M. Ministers could not answer for my being, nor upon what terms I might be permitted to trade. This I candidly confessed to H. E., in order that he might perceive the Recognition of the Principles he advanced in the conduct observed by the British Government in my particular case. That when once aware of the just and liberal views

of their Excellencies, I thought it probable that an accredited Agent instructed on these points by his Government, might in the course of time be enabled to arrange such matters to the satisfaction of both parties. The dispatch I had brought had been written at my solicitation, and that I imagined that the subsequent conduct adopted by the British Government would very much depend upon the reply they should receive thereto. I told him that the British Government did not profess to act, except for the advantage and interests of H. M. subjects, but that they would not seek to obtain those advantages except by a strict adherence to the rules of justice and the laws of nations, to which observation H. E. replied that he hoped that both considerations would be found compatible in Paraguay.

H. E. appeared desirous of ascertaining what might be the views of the British Government respecting the Sovereignty of River Parana, as assumed by the Government of the Province of Buenos Ayres in the name of the Argentine Confederation.

He complained that the navigation of the River should apparently be dependent upon the disposition of the Government of Buenos Ayres, that as matters stood, the commerce with Paraguay was liable to be interrupted or entirely stopped whenever the convenience of the rulers of Buenos Ayres, their interest in preventing any communications with those provinces

with which they might be at war, (altho' such war might be and was wholly uninteresting to Paraguay) or when should personal caprice might dictate the closing of the River; and even when the communication was permitted as it had been in the present instance, he considered it most unfair that Buenos Ayres should levy the same duty upon goods sent up as if they were consumed in her own territory. "If", said he, "Buenos Ayres really entertains the unjust views of ulterior domination over his country and was of opinion that she could weaken its resources by keeping her in her previous state of isolation from the rest of the world as things now stands it appears she has perfect power to do so."

While I confessed my inability to give H. E. any positive information upon the subject, I permitted myself to infer from the terms of the Preliminary Treaty of peace celebrated between the Empire of Brasil [sic] and the Argentine Republic upon the Recognition of the Independence of Uruguay State under the mediation of the British Government, that the right assumed by the province of Buenos Ayres had not been acknowledged. A decided expression of opinion upon the question had now been called for from the British Government. The Empire of Brasil [sic] had permitted its undoubted right to the navigation of the River Parana under the terms of the treaty to become a dead letter, and as far as I was aware, the Government of

the Uruguay Republic had more officially required the interference of the British Government regarding the violation of its stipulations by the closing of the navigation. However now that the Republic of Paraguay declared its ports open to Foreign Commerce, it was probable some decision would be taken. H. E. might perchance discover from the tenor of the dispatch which had been addressed to the Government of Paraguay by H. B. M. Secretary of State for Foreign Affairs, somewhat the disposition of the British Government. I myself could only judge of that disposition by the promptitude with which my solicitation for a passport had been attended to. The British Minister in Buenos Ayres had supported my request to navigate the River Parana with a British vessel, and the refusal of the Buenos Ayrean Government would doubtless be communicated to that of Great Britain. In my particular case, the circumstance of my carrying an official dispatch, joined to the neutrality of the British flag during the existing war, would have been sufficient to render this desirable, but when the fact of the opening of the Ports of Paraguay to foreign commerce was officially communicated, H. B. M. Government would doubtless act[10] in accordance with the law of the nations, and with regard to the terms of these convention, which had established the principles of navigation in all Rivers, which belonged

[10] Superscript word.

equally to two or several Independent States.

I took the liberty of observing that in the dispatch with which H. E. had honoured me conveying the license to trade at Ñembucú, it was stated that the original dispatch from H. B. M. Foreign Secretary remained unopened under the supposition that it would be found written in the English Language not understood by the Government of Paraguay, and that H. E. had only précised the official translation thereof forwarded by H. B. M. Consul General in Montevideo. I presumed to recommend to H. E. to open the seal of the original document and to acknowledge its receipt. H. E. observed that in doing so, there would be an inconsistency with the terms of the dispatch addressed to me. To obviate this difficulty I at once offered to return the latter [sic] into the hands of H. E. altho' in so doing I should remain without any official proof of having been permitted to enter his territory, but that I should feel quite satisfied in placing myself under the protection of the Government of Paraguay. H. E. did me the honor to assure me of his favourable consideration, and stated that at all times he would feel pleasure in manifesting his esteem and that he hoped my stay in Assumption would not prove wholly disagreeable, and that he (Consul Lopez) would be glad to see me privately at any time I pleased. I expressed my acknowledgement and retired.

I had subsequently the honor of having several private interview with Su Señoria Consul Lopez and took an early opportunity of removing from his mind, the importance he attributed to the correspondence of Mr. Bellemaris, and assured him that if the British Government possessed any knowledge of its existence, which I doubted it was not usual to notice the opinions or writings of private individuals, upon subjects concerning state affairs, in which H. B. M. Government had official Agents employed. I had the pleasure of presenting to Su Señoria, a portion of Vaccine Lymph, a Solar Microscope and a collection of Historical works on South America, printed in Buenos Ayres, which he received very graciously. A renewal of the supply of the Vaccine Lymph would be very acceptable. I explained to Su Señoria the progress which had been made in destroying the Slave trade. I informed him of the manner in which the emancipation had been effected in the British colonies, and endeavoured to make him understand that the interests of Paraguay would be forwarded by the cessation of the Slave trade in Brasil, which would enable the former with its free population, to compete with the latter, in the production of Tobacco, Cotton, Sugar and Rum. I found he was not quite so deeply impressed as I could have wished, with the importance of British Commerce and British influence, tho' [sic] he appeared fully aware of

the assistance which had been afforded on different occasions, to South American States.

He expressed his admiration of the British character which he said was conservative of established institutions, not prone to constant innovation as the French.

I have no doubt that this opinion tended very much to dispel the unfavourable suspicious which had been propagated in my respect, and he jocularly asked on if I had discovered the best road for Governor Rosas to introduce his Artillery, adding that if he attempted it, he would pay for it dearly. The French he evidently fears; a Medicine Man, recommended by Governor Ferré, remained at Ñembucú four months, without obtaining his license, merely I believe, in consequence of being a Frenchman. He said that at home and abroad they were a turbulent people who wished to overturn all established institution with their propaganda of new fangled [sic] doctrines.

The City of Assumption is situated on the left bank of the River Paraguay in 25°.16′ South Latitude 57o.41' Longitude from Greenwich. It was founded in 1536 and was the Capital of the Spanish Empire in South America until 1620, when a separate ViceRoyalty [sic] and Bishopric were appointed in Buenos Ayres. It contains at present a Cathedral, three parishes, and a population of [sic] from eight to ten thousand souls. There are six commodious barracks for troop's quarters viz.

Hospital barracks, Grenadier Gov.t Guard	400 men
Galpon barracks, Lancers Cavalry	400 men

College barracks Fusiliers	300 men
San Francisco Fusiliers and Artillery	500 men
Park of Artillery Mulatto Troops	200 men
Cañonera Guard Fusiliers	100 men

The naval force consists of a Bergantin[11] of about 150 tons and ten Cutters of about 50 tons each besides which there are upwards of five hundred state canoes each capable of carrying ten men, with their corresponding arm chest. In the Park of Artillery, the Government has deposited about sixty pieces of Artillery, including several brass field pieces. The State has also a Powder mill, and manufactures its own Gunpowder. The total troops of the line are estimated at about 7000 men, of which 5000 are Infantry and 2000 Cavalry, but I have heard it asserted that the Urbanos or Enrolled Militia, which are chiefly Cavalry, amount to 40,000 Men. these [sic], when in their town of duty, keep guard at the different piquet stations on the coast, and across the northern frontier, to keep in check the Mbayá Indians, a fierce tribe, who has been supplied with arms and ammunition by the Brasilians [sic] in Matto Grosso. The total population of the Republic I have no means of estimating; I have heard it calculated at upwards of one million, but in the absence of any positive information in the subject, I have formed an opinion from the facts gleaned by personal observation and founded upon the ideas expressed by intelligent natives. I think Paraguay now contains from seven to eight

[11] Spanish word for “brigantine”.

hundred thousand souls. The revenue is gathered from the duties improved upon their interior trade, and also upon the foreign commerce carried on at Itapua and Ñembucú. The State lands which are all strictly farmed produce also a considerable amount. The Currency is the Spanish dollar; the late Dictator collected not only all the current money he could discover by arbitrary fines and confiscation, but likewise gathered together all the Plate which was abundantly used by the Natives in their private dwellings. The amount hold by the Government must reach the value of several millions of dollars. Señor Consul Lopez told me the amount was larger than most people imagined.

The late Doctor Francia had long suffered severe indisposition previous to his death. His disease was dropsical, and his longevity was doubtless attributed to the extreme regularity of his mode of living. On the 24th August 1840 with his own hands he committed to the flames the whole of the State papers which had relation to his administration. He died in the 20th September and was buried with great pomp his remains being attended to the grave by an innumerable multitude, when they were deposited in the Church de la Incarnation. A Junta of Government was immediately formed of five Vocales, presided over by Antonio Ortiz, the Senior Alcalde and Chief Municipal Magistrate; Cañete, Chief of the College

Barracks; Peyreira Chief of the Hospital Grenadier Guard; Maldonado Chief of the San Francisco Barracks, Arroyo Chief of the Galpon Barracks; Patiño, who had been Secretary to the deceased Dictator, was appointed to the same Office under the Junta. The only notable circumstance which occurred during their Administration was the unrest of Secretary Patiño by Vocal Peyreira, who accused him of endeavouring to counteract the dispositions of the Junta. He was conveyed to prison, where he committed suicide by strangling himself. He had been the Minister of all his late Master's severities, and his death was not much regretted. A new Secretary named Salduendo was appointed in his stead. Their Government lasted until the 22nd of January 1841, when Sargeant Duré of the College Barracks, accompanied by the Soldiers of that position arrested all the members of the Junta during one of their sittings, and appointed a Triumvirate, composed of Medina (who had succeeded Ortiz as Chief of the Municipality, when the latter was named President of the Junta), Campes and Benites, all inoffensive individuals, who had held employments during and previously to the establishment of the Dictatorship. It was about this period that Doctor D. Carlos Antonio Lopez came to the Capital from his Estancia, and took up his residence in the Barracks of San Francisco, forming a combination with Mariano Roque Alonso, who had succeeded Maldonado in the command of the Barracks, when the latter became

A Member of the Junta. During the life of the late Doctor Francia, Señor Lopez had never been molested, altho' it is affirmed that he, in his profession of Advocate, had defended more than one Civil Action against the influence of the Dictator. Retired and unobtrusive in his habits, he remained at the Capital in the exercise of his profession, until a few years before Francia's death, when his infirmities had so much increased, as to excite his morbid temper into frequent paroxysms of frenzy, during which exacerbation, neither innocence nor impotence were safe from his suspicious fury. Señor Lopez solicited and detained permission to withdraw from Assumption, and retired to his Estancia upon the coast of the River Paraguay.

A summons was addressed from San Francisco to the departments of the Republic, enjoining each, to send to the Capital, deputies to a General Congress. Molina, Chief of the Great Military Camp at San José, near to Itapua, in the Parana, detached in favor of this measure, and marched towards the Capital in support of it. Meanwhile at Assumption, the Triumvirate placed in power by the Military mutiny of Duré, remained inactive, and were permitted to continue in their powerless authority.

The Congress assembled in the 12th March 1841, upwards of three hundred deputies being present, and declared itself the Sovereign Congress

of the Republic of Paraguay, and appointed a Supreme Government consisting of Two Consuls, Carlos Antonio Lopez and Mariano Roque Alonso. The election was unanimous, with the exception that one Member, Rivarola, proposed the formation of a Constitution, for which he was sharply reprimanded by the newly chosen Consul Lopez, who told him, "that even an Angel to come down from Heaven, it could not form a Constitution to suit the circumstances of the Republic". Rivarola was not allowed to sign the Act of the Congress, but was compelled to affix his name to a note thereto, in tho [sic] which was recounted his anarchical proposition. This dissident number has not since been presented.

After declaring the ports of Itapua and Ñembucú open to Foreign Commerce, the Congress dissolved, and the Consular Government assumed the reins of Power.

R. B. HUGHES

TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Montevideo 18 de março 1842

No dia 25 de junho 1840, dirigi uma carta ao cônsul geral de sua majestade britânica neste lugar, estabelecendo o meu desejo de visitar a província do Paraguai, solicitando seus bons ofícios no esforço de obter do governo de sua majestade um passaporte especial dirigido a sua excelência dom Gaspar de Francia, ditador do Paraguai, me encomendando a sua excelência proteção como um súdito britânico, cujo único objetivo era de transmitir os interesses comerciais de seu país. O senhor Hood, de imediato e muito gentilmente, prometeu colocar meu pedido ante o diretor secretário de estado dos negócios estrangeiros de sua majestade e em 2 de fevereiro de 1841, ele colocou em minhas mãos um despacho selado dirigido ao ditador Francia, que, ele informou-me, continha uma carta oficial de lorde Palmerston em meu favor, como também uma tradução autenticada da mesma a partir do escritório do consulado geral. Eu também recebi um passaporte para o Paraguai, concedido pelo Ministério das Relações Exteriores. O senhor Hood informou me ainda que o governo britânico não tinha relações oficiais com o Paraguai, que a expedição seria realizada sob minha própria responsabilidade e que o ministro plenipotenciário de sua majestade britânica em Buenos Aires havia sido instruído a usar sua influência em favor do meu projeto. Sem perda de tempo eu segui para Buenos Aires e, em 10 de fevereiro, escrevi ao senhor Mandeville,

expondo meus pontos de vista e pedindo-lhe que se esforçasse para obter a permissão do governo de Buenos Aires para navegar no rio Paraná, naquela ocasião, em um navio britânico, com o fundamento de que a sua neutralidade facilitaria meu esforço para abrir uma relação comercial com o Paraguai. O senhor Mandeville me informou, em resposta, que tinha feito o pedido em nome do governo britânico e que o governador delegado, dom Felippe Arana, me daria uma audiência. Esperei por sua excelência, que afirmou que, em consequência da guerra com Corrientes, a navegação deste rio Paraná foi fechada; que o governo de Buenos Aires não podia concordar com minha entrada no rio com um barco britânico sem antes obter o consentimento pleno das outras províncias da Confederação Argentina, mas que, se eu quisesse realizar a viagem em um navio de Buenos Aires este governo cogitaria a minha candidatura e se eles descobrissem que o meu caráter pessoal estava livre da acusação de conexão com os Unitários, poderia ser autorizada, desde que eu aceitasse esperar até que lhes conviesse.

No mês de abril, voltei a Buenos Aires e depois de esperar por três semanas fui agraciado por uma segunda entrevista com senhor Arana, que me fez o favor de dizer que governo agora estava bastante satisfeito com respeito ao meu caráter pessoal e que, quando a oportunidade adequada

chegasse, eu provavelmente obteria a minha licença, que muitos dos meus compatriotas conheciam grandes unitários e que nenhum deles teria qualquer esperança de conseguir permissão. O estado da guerra, não permitia a sua excelência chegar a qualquer decisão e, por ora, ele ofereceu permitir-me proceder à cidade de Paraná, em Entre Rios e afirmou que ele recomendaria a minha pessoa para o general Echague, mas não iria interferir com respeito à expedição. Eu respondi que meu objetivo era ir até o Paraguai e não para Entre Rios e que eu não estava disposto a empreender a viagem com a probabilidade de ser detido na cidade de Paraná.

Voltei para Montevidéu, familiarizando o senhor Mandeville com a minha intenção de proceder via terrestre através de Missiones e Corrientes, não encontrando nenhuma perspectiva de ser capaz de obter permissão para ir pelo rio. Este senhor disse que achava que eu ainda poderia ainda obter a licença e gentilmente prometeu ver senhor Arana sobre o assunto mais uma vez.

Após a minha chegada em Montevidéu, dei a conhecer o meu desejo ao presidente Rivera, que imediatamente mandou me chamar e, tendo declarado meu objetivo, ele disse que seria um prazer me dar qualquer auxílio em seu poder e que se eu decidisse ir por terra, ele iria me fornecer uma escolta e me recomendaria ao governador Ferré em Corrientes. Enquanto isso, durante a última semana de maio, fui informado de que o governador Rosas não tinha concedido permissão

para ir até o Paraguai, diretamente, sem detenção na cidade de Paraná.

O brigue argentino Palma foi comprado para a ocasião. 166 toneladas e uma carga geral do valor de trinta mil dólares espanhóis foi embarcada, tudo por minha conta e de irmãos. Poucos dias antes da minha partida, o senhor Arana chamou-me e intercedeu em favor de um tal Torrent, uma pessoa da confiança do governo de Buenos Aires, que quis acompanhar-me, levando uma variedade de produtos. Eu respondi que, como a minha permissão tinha sido obtida pela a intervenção do senhor Mandeville, eu deveria consultar esse cavalheiro antes de dar qualquer resposta, ainda que eu estivesse satisfeito em ter a oportunidade de mostrar o meu reconhecimento pelo favor concedido na outorga da licença.

Torrent, em consequência, enviou trinta e cinco toneladas de mercadorias e uma cabine foi designada para o alojamento dele mesmo e de dois sobrinhos, um dos quais ele introduziu como seu servo.

Quando estava pronto para a partida, fui chamado à presença do governador delegado (em companhia de Torrent) que me disse que a licença tinha sido concedida em consequência das informações que eles tinham conseguido em relação ao meu bom comportamento em Montevidéu. Que o governo tinha plena confiança de que não abusaria do enorme privilégio concedido; que desde que a minha expedição se tornou pública, houve numerosos pedidos de licenças, mas que sua excelência o restaurador das leis

tinha resolvido que nenhum outro navio seria autorizado a proceder, até o retorno do Palm e depois de se conhecer as particularidades de sua recepção no Paraguai. Que o governo de Buenos Aires se sentiria em débito conosco se tivéssemos sucesso na abertura do comércio com o Paraguai e que estávamos particularmente encarregados de expressar da parte dele, em nome da Confederação Argentina, seus sentimentos favoráveis em relação ao governo e seu desejo de facilitar por todos os meios ao seu alcance, as relações de amizade e comércio com aquele país.

Aceitei este encargo, com o consentimento e concordância do senhor Mandeville, quem consultei sobre o tópico.

O senhor Arana ainda me confiou uma cópia impressa de toda a correspondência que teve lugar entre o governo da Confederação Argentina e os agentes da França, durante o bloqueio, o que ele me pediu para entregar aos cônsules do Paraguai em uma oportunidade apropriada.

Deixamos Buenos Aires para trás na manhã de 7 de julho de 1841 e, ao passar pelo HMS Pearl, nos confins exteriores, içamos a Union Jack no mastro do traquete e fomos visitados por um oficial daquele navio, que ofereceu toda a assistência que pudéssemos requeres.

Em 8 de julho, ancoramos ao largo de Martin Garcia, a ilha fortificada que comanda a entrada nos rios Uruguai / Paraná Guassú

e tendo apresentado meu passe para o comandante do forte, fomos autorizados a entrar no rio. Chegamos na cidade do Paraná, principal da província de Entre Rios, no Domingo, 25 de julho e, no dia seguinte, apresentamo-nos ao governador delegado; o próprio governador estando ausente com o exército, em operações contra a província de Corrientes. Fomos autorizados a prosseguir. A partir deste lugar eu tive a honra de informar o senhor Mandeville de nosso progresso. Nós navegamos novamente no dia 30 de julho e, no dia 9 de agosto, levamos a embarcação até o canal Yaguarete, oito léguas abaixo da cidade de Goya, na província de Corrientes, onde eu continuei no bote do barco, acompanhado por Torrent, que deixou o navio e partiu por terra para a cidade de Corrientes. Fui convocado a apresentar-me na casa do comandante, que fez várias perguntas em relação à expedição; minhas respostas para as quais, ele anotou. Fui informado que um forte preconceito era alimentado contra nós pelo governo de Corrientes, pois tinha sido representado desde Montevidéu, que havia um objetivo político em andamento[12], que o projeto de ir para o Paraguai tinha sido posto em marcha pelo governador Rosas, com o objeto de obtenção de informações e de levar correspondência oficial ao governo do Paraguai. Nenhum obstáculo, no entanto, se opôs à nossa ida para o interior e o navio passou Goya no dia 15 de agosto.

[12] Existe um erro gramatical no original que torna difícil a tradução mais fluida dessa frase. Essa me pareceu, no contexto, a mais adequada.

No dia 21 de agosto, estávamos em frente à cidade de Bella Vista, cerca de cem milhas abaixo da cidade de Corrientes, e fomos incapazes de continuar em consequência do baixo calado do rio. O navio precisa de nove pés de água e depois de verificar a profundidade, encontramos apenas sete pés e meio. Eu imediatamente passei para o bote do barco e atingi a cidade de Corrientes na noite do dia seguinte, o 22. Depois de alguma delonga no escritório do capitão do porto, eu fui conduzido à casa do governador delegado, que me recebeu com civilidade e para quem eu apresentei meu passaporte. Eu fui logo depois informado que Torrent foi considerado como um espião ou agente privado do governador Rosas, que o governo de Corrientes tinha resolvido não nos permitir realizar qualquer comunicação com o dito e que havia a intenção de dar ordens para este efeito às autoridades desta costa o que, entretanto, tinha sido negligenciado. Descobri que prevalecia a opinião geral de que o navio e a carga seriam condenados e eu fui informado de que governador Ferré havia expressado a opinião de que ele tinha o direito de fazê-lo, já que o navio ostenta a bandeira de Buenos Aires.

Eu tomei a ocasião de observar que ele estava equivocado, se ele achava que o governo de sua majestade britânica reconheceria direitos beligerantes da província de Corrientes, (uma parte da República Argentina), quando exercido contra a propriedade britânica sob

a bandeira argentina. Mais tarde, naquela noite, esperei pelo governador Ferré e expliquei a sua excelência as circunstâncias que precederam e assistiram a obtenção de minha permissão de Buenos Aires, com a qual ele expressou-se satisfeito, acrescentando que eu não deveria sentir-me surpreso ao saber que existia preconceito contra nós, que tinha surgido a partir de suspeitas, causadas pelas circunstâncias de eu ter obtido uma licença quando a navegação do Paraná havia sido fechada pelo governo de Buenos Aires. Ele ainda foi tão gentil a ponto de prometer usar sua influência com os dois proprietários de pequenas escunas atracadas no porto, a fim de que eles descessem e aliviassem o Palm, de forma a capacitá-lo a subir o rio. "As únicas embarcações agora no porto", disse ele, "[estão] preparando-se para carregar, mas em um caso como este, onde a sua assistência é indispensável, não terei nenhuma hesitação em informar seus proprietários que será necessário que devam, antes, dar a sua ajuda para aliviar o Palm"; deixando a conversa pecuniária a ser resolvida entre as partes e eu. Indaguei de sua excelência se ele preferia que o navio aportasse com sua bandeira hasteada. Ele respondeu: "Certamente, a atual guerra não é contra a bandeira argentina, que é nossa em comum, mas contra o atual governo existente de Buenos Aires". Na manhã seguinte à minha chegada, o tratado

de Comércio e Navegação, realizado entre a República do Paraguai e a província de Corrientes, foi publicado por proclamação, depois de ter sido ratificado pelo governador. Enviei uma cópia impressa do presente tratado, para Montevidéu, dirigindo-a para ser enviada para o ministro plenipotenciário de sua majestade britânica em Buenos Aires.

Tendo concluído os acordos com os proprietários das duas pequenas escunas, voltei com eles para o navio e aliviando-o até o que o calado chegasse a sete pés e meio, consegui prosseguir através da passagem de Bella Vista, com considerável dificuldade e nós ancoramos no porto de Corrientes, em 8 de setembro. Grandes esforços foram feitos para induzir-me a desembarcar minha carga neste lugar; onde as mercadorias eram muito desejadas em consequência de a navegação do rio ter sido obstruída por tanto tempo. Eu não me considerei, no entanto, autorizado a tirar vantagem das circunstâncias, mesmo que uma redução do desconto à taxa normal de direitos de importação, de 25 para 8 por cento, tenha sido oferecido se eu fizesse. Eu respondi que eu tinha obtido por meio do ministro britânico em Buenos Aires, uma permissão para a República do Paraguai e que eu não poderia desembarcar minha carga em outro lugar. Eu informei o senhor Mandeville destas circunstâncias na data de 14 de setembro, e da necessidade em que eu tinha me encontrado de descarregar uma quantidade de sal, vinho e outros para permitir que o navio chegasse seguro em Corrientes.

Importunações foram usadas para induzir-me a pousar as armas e munições que eu carregava comigo para a defesa do navio, o que eu felizmente fui capaz de declinar. O governo de Corrientes tem tido um enorme esforço para conciliar os índios que habitam Toba, aquela parte do Chaco oposta ao seu território. Eles foram autorizados a desembarcar na cidade e rações de carne, tabaco e rum são ocasionalmente distribuídas entre eles. Esses meios o anterior[13] inventou para eludir as incursões frequentes que estes selvagens estavam acostumados a fazer sobre as suas vilas indefesas; e na presente guerra contra Buenos Aires, eles os empregaram no despacho de comunicações para os exércitos dos generais Lavalle e La Madrid nas províncias superiores da República Argentina.

Eu encontrei-me tão perplexo com as opiniões divergentes expressas em Corrientes, respeitando o estado do rio em diante para o Paraguai, que resolvi continuar para lá em uma canoa e formar, a partir de uma inspeção pessoal, o meu próprio julgamento sobre o estado do canal. Tendo obtido a permissão do governador delegado, eu deixei Corrientes às 4 da manhã do dia 16 de setembro; cerca das duas horas da tarde entrei na boca do rio Paraguai e, ao pôr do sol, cheguei ao primeiro posto de piquete, a cerca de sete milhas da entrada; foi quando eu encontrei uma guarda de oito homens sob as ordens de um sargento, para quem, dei a conhecer o meu objetivo

[13] O governo de Corrientes.

e que respondeu, que eu deveria permanecer lá para a noite; e que, na manhã seguinte, ele daria aviso de minha chegada ao Alferez do distrito, na Guarda de Piriz.

A estação de piquete em que eu tinha chegado, é chamado de "el piquete de las tres bocas" e está situado sobre um banco, aproximadamente 20 pés acima da superfície da água e é protegida por uma paliçada, formada por blocos robustos de madeira firmemente fincados juntos na terra. A área fechada é de 40 pés de largura x 31 pés de profundidade, aberta do lado do rio.

Descobri que o homem falava espanhol com dificuldade, a conversa foi realizada entre eles em guarani, que eles chamam de Abañe'é, Aba, índio, Ñe'é, idioma. Na parte de trás da pequena fortaleza, há uma floresta quase impenetrável. Um grande fogo de atalaia foi mantido aceso a noite toda e uma vigilância rigorosa foi observada; tanto por conta das panteras que rondavam a vizinhança, como para evitar que índios passassem do lado oposto. Na manhã seguinte, foi dada permissão para sondar o canal e recebemos algumas instruções relativas à navegação e avisos sobre os índios, que recentemente tinham sido vistos na costa oposta. Começamos imediatamente o nosso retorno a Corrientes e sondamos o canal por toda a extensão, encontrando uma profundidade de nove pés na sua parte mais rasa. Às 2 horas da tarde chegamos a Corrientes e fizemos preparativos para a partida imediata do brigue.

No dia seguinte, 18 de setembro, levantamos âncora de Corrientes, às 10 horas da manhã e às 2 da tarde entramos no rio Paraguai, encontrando de 10 a 12 pés de água na barra, em sua

entrada; uma vez dentro deste, encontramos seis braças de água no meio do canal; um pouco depois das 5 horas da tarde, fomos rapidamente para o banco do piquete de las Tres Bocas, que eu tinha visitado anteriormente. Na manhã seguinte, o piquete foi relevado pela Guarda de Piriz, e o Alferez Comandante veio a bordo e apresentou-me as seguintes pergunta.

1º. de onde viemos e com que objetivo? Eu respondi que tinha vindo de Buenos Aires, com o objetivo de comerciar.

2º. se nosso objetivo, ao vir, era unicamente o de comerciar? Eu respondi, somente com esse objetivo.

3º. se eu tinha trazido comigo comunicações oficiais de qualquer parte? Eu disse a ele que eu tinha em minha posse, um despacho, do secretário de estado dos negócios estrangeiros de sua majestade britânica, dirigida a sua excelência dom Gaspar Rodrigues de Francia, ditador do Paraguai, que eu coloquei em suas mãos. Ele demonstrou extrema cautela ao descobrir que a expedição foi dirigida ao falecido ditador, e permaneceu por alguns momentos sem o poder de articulação, ele foi tão surpreendido e arrasado pelo meu anúncio de que a expedição foi dirigida ao seu falecido senhor, o ditador, e não para o

novo governo consular, como ele evidentemente previu. Se eu fosse tentar descrever o efeito produzido no semblante fleumático de meu visitante, eu deveria ser acusado de algum grau de exagero, por todos que não tivessem presenciado a cena. Surpresa, prazer, não sem mistura de reverência e até mesmo alarme, mostraram-se em seus traços em sucessão quase instantânea, enquanto o papel caia de suas mãos trêmulas e ele murmurava o nome, Francia! Ele pareceu de fato tão perturbado que eu silenciosamente e suavemente retirei o documento de sua vista e perguntei que medida eu deveria adotar para que chagasse às mãos dos cônsules. Ele respondeu que ele pensou que o navio tinha avançado muito rio acima. Eu observei que nós havíamos parado no primeiro posto de guarda que tínhamos visto, que eu tinha anteriormente obtido permissão para sondar o canal e que eu não tinha recebido quaisquer instruções para me apresentar em outro lugar. Ele me informou que seria preferível que o navio descesse sem [parada até[14]] a foz do rio Paraguai, e que eu poderia me apresentar na guarda de Paso de la Patria, no rio Paraná, situada em frente ao porto de Corrales, na província de Corrientes, cerca de oito milhas acima da confluência dos dois rios. Eu concordei em fazer o que ele desejava, mas como um vento sul cortante prevaleceu o tempo todo, eu obtive o seu consentimento para permanecer até que ele moderasse e, em seguida,

[14] Inserido na transcrição.

descendo o rio Paraguai, nós ancoramos, fora de sua foz, no Paraná.

Esta noite, eu dirigi uma nota ao governo do Paraguai, anunciando a chegada do brigue argentino "Palm", afirmando que enviava anexada uma comunicação oficial da Secretaria de Relações Exteriores de sua majestade britânica, em conjunto com um despacho do consulado geral britânico em Montevidéu; como também, um passaporte concedido pelo ministério das relações exteriores. Além disso, partilhei que por meio do ministro plenipotenciário britânico em Buenos Aires eu tinha obtido uma licença do governo da Confederação Argentina, como mostra o passaporte concedido pelo governador delegado de Buenos Aires; e pedindo permissão para abrir relações comerciais com o país, prometendo cumprir pontualmente os decretos e regulamentos que pudessem existir a esse respeito. Ainda acrescentei que o ministro plenipotenciário de sua majestade britânica em Buenos Aires desejava que eu expressasse suas felicitações e respeito a suas excelências os cônsules.

Na manhã de 20 de setembro, eu saí do navio antes de raiar do dia em uma canoa e subi ao longo da costa uma distância de cerca de oito milhas, quando entramos dentro de um canal formado entre a terra principal e uma ilha chamada Carayá e logo percebi o "mangrullo" ou torre de vigia da guarda de la Patria, acima das árvores. Ao chegarmos perto da costa, dois cavaleiros foram vistos se aproximando, que eram o alferes ou

oficial comandante, acompanhado por um sargento. Fui recebido com cortesia no desembarque e pedido que me encaminhasse até a guarda, que eu achei situada numa pequena elevação cerca de uma milha da margem. Eu fui introduzido no apartamento do Alferes, que perguntou se eu tinha algum despacho para o seu governo e, quando eu produzi a correspondência, fechada em um envelope endereçado "Para suas excelências os cônsules da República do Paraguai", ordenou que chamassem imediatamente o encarregado do correio quem, de imediato, fez a sua aparição, acompanhado por um mensageiro montado.

Meus despachos foram preparados e enviados sem a menor demora para a capital Assunção, a uma distância de cerca de 250 milhas. Fui informado de que existem postos de correio a cada três léguas ao longo da linha da estrada para a capital e que o correio chegava lá no dia seguinte. Eu estava muito surpreso ao observar a regularidade e ordem que prevaleceu por toda a guarnição, que consiste de cerca de cento e vinte homens. A estação da guarda é formada por 10 paliçadas quadrangulares de blocos talhados de madeira de 12 polegadas quadradas x 10 pés de altura, pontiagudas no topo, firmemente socadas juntas na terra. Um acesso espaçoso ocupa a totalidade do porto, cuidadosamente coberto e, em tal ângulo, elevado acima da paliçada, uma guarita coberta. Um quartel apropriado, limpo e caiado, foi construído na área. Uma atalaia altiva, de cerca de 80 pés de altura

comanda uma vista extensiva do rio Paraná e região circunvizinha. Eu fui conduzido para um pequeno apartamento, preparado para a minha recepção, no qual foi requisitado que eu fizesse minha morada até que respostas pudessem ser recebidas a partir da capital. Durante a minha residência ali, eu estava autorizado a fazer pequenas excursões a pé pela vizinhança, acompanhado de um sargento, mas não vi quaisquer sinais de habitações. A área delimitada pela paliçada é de cerca de 120 jardas por 80. Toda noite, ao pôr do sol, o portão é fechado e sentinelas armados são colocados em cada ângulo da fortaleza; a palavra de vigia, "Alerta!", passa de um para o outro a cada meia hora. As tropas reúnem-se pela manhã, ao meio-dia e pela noite. À noite, antes que a vigia comece, eles são formados em um círculo e orações são ditas. Eu não vi qualquer artilharia. Os mosquetes são mantidos em bom estado; embalados em caixas fortes, cada uma contendo dez, o número de homens necessários para equipar uma das suas canoas antigas, quando em serviço, uma destas caixas é colocada no centro da canoa. A paisagem ao redor é densamente arborizada e todas as avenidas que levam através da floresta são protegidas por cercas fortes.

Eu tive a oportunidade de observar o despacho com que os assuntos do governo, são transportados, pela chegada de um mensageiro, na guarda, vindo de Assunção para Corrientes. Foi dado aviso de sua aproximação pela atalaia e, em sua chegada, um cabo foi despachado com 12 homens para um

edifício exterior, cerca de uma centena de passos do lado esquerdo do bloqueio, quando carros, canoas e outros implementos para o uso da guarnição eram mantidos encobertos em excelente ordem. Uma canoa foi retirada, colocada em um carrinho e transportada para a água. Dez outros homens, foram formados em duas colunas, na frente do alojamento do alferes, cada um equipado com um remo e, na palavra dada, marcharam em estrita ordem militar e silêncio, seguidos pelo alferes de uniforme completo, acompanhado do encarregado do correio e em quinze minutos após a sua chegada, os despachos estavam em seu caminho através do rio, para o porto de Corrales, na província de Corrientes. Na quinta-feira dia 23 de setembro, às 9 horas da noite, um expresso chegou à guarda de la Patria e, quatro minutos depois, o alferes colocava em minhas mãos um envelope dirigido "a partir dos cônsules da República do Paraguai para o súdito de sua majestade britânica " etc., etc., etc., reconhecendo o recebimento do despacho do secretário dos negócios estrangeiros de sua majestade britânica, em conjunto com a devida tradução oficial do consulado geral britânico em Montevidéu; afirmando que o expediente original permaneceu fechado, sob a suposição de que ele estava escrito em língua inglesa, não compreendida pelos cônsules. Que suas excelências estavam muito desejosas de manter firmes amizades com os ministros da sua majestade britânica, e solicitaram que eu enviasse ao senhor Mandeville, a sua garantia de alta valorização, com o qual eles receberam suas

felicitações. Mais adiante o despacho continha uma permissão para que eu prosseguisse com o navio e a carga para o porto da vila de Pilar de Ñembucú e lá efetuar a troca de minha mercadoria pela produção do país. Eu também recebi uma mensagem verbal do comandante da referida vila, oferecendo seus serviços para obter uma casa para eu habitar, o que, no entanto, eu agradecidamente declinei, no desejo de permanecer a bordo do navio a fim de ser capaz de verificar o comportamento da tripulação. Eu imediatamente me dirigi ao governo, aceitando a licença para ir para Ñembucú e anunciando que eu tinha sido incumbido pelo governador delegado de Buenos Aires, em nome da Confederação Argentina, de comunicar a expressão de sua boa vontade para com suas excelências os cônsules e de seu desejo de facilitar por todos os meios ao seu alcance, as relações de amizade e comércio com aquele país. O correio começou seu retorno às 22 horas da noite com esses comunicados. No início da manhã do dia 24, voltei a bordo do brigue, depois de expressar meu reconhecimento ao alferes por sua hospitalidade. Fomos acompanhados até a praia pelo alferes e seus oficiais subalternos, e todos manifestaram seus bons votos a nosso favor. Ao sair da paliçada, observei 40 cavaleiros, organizados em linha, cada um com um machado portentoso por cima do ombro

Indaguei ao alferes, quem eram e com que objeto foram reunidos? Ele respondeu, que pertenciam à milícia de cavalaria do distrito. Ordens tinham sido recebidas, na noite anterior, a partir de Assunção para fazer uma nova estrada a partir da guarda até o ponto de confluência dos rios Paraguai e Paraná. Os homens estavam aguardando ordens para começar suas operações. Tão prontamente e eficientemente são cumpridos cada mandado do governo.

Durante o tempo em que o navio permaneceu em Corrientes, Torrent me informou que ele havia se encontrado com um nativo de Buenos Aires, que tinha acabado de descer o Paraguai, a caminho de seu país, depois de ter sido detido mais de vinte anos pelo falecido ditador.

Este homem, chamado Villarino, deu algumas cartas para Torrent que, segundo ele, eram dirigidas a partes capazes de transmitir os nossos pontos de vista aos cônsules.

Eu expressei minha surpresa que ele pudesse ter se aventurado a comunicar o objeto da nossa missão para qualquer indivíduo privado, quando ele não havia tido a possibilidade de verificar, se ele realmente possuía a influência que ele reivindicou e eu ainda lhe apontei que eu não iria permitir-me estar implicado em qualquer correspondência privada sobre o assunto, que nossa mensagem foi dirigida para o governo do Paraguai e que ao mesmo tempo eu cumpriria o meu compromisso com

o senhor Arana, francamente e sem medo, eu estava bastante determinado a não tolerar qualquer tentativa de sondar os sentimentos políticos de particulares, tampouco gostaria de perguntar como eles podem se sentir no que respeita à colocação de seu país sob o controle de Buenos Aires. Após o meu regresso a bordo do Brigue, eu dei a conhecer a Torrent o teor da minha última nota para os cônsules; e lembrei-lhe que a nossa missão foi cumprida e que, doravante, nenhuma relação deve ser estabelecida com qualquer partido sobre o assunto, a não ser o próprio governo.

Tendo assim obtido a permissão do governo do Paraguai para avançar para Ñembucú, o brigue novamente entrou no rio, no sábado, 25 de setembro e passou o piquete de las Tres Bocas, quando corremos, dessa vez ousadamente, para prosseguir em frente. No dia 26, nós passamos sucessivamente, os piquetes Playas e Palmar, passando entre a margem esquerda do rio e uma ilha em um canal que corre quase no sentido Leste-Oeste, em cujo fim, acima, fica a paliçada e guarda de Curapaiti[15]. Daí o rio toma uma direção nortenha, em breve trazendo-nos à vista de duas ilhas, que deixamos à nossa direita, perto da margem do Chaco, em volta de uma baía profunda que leva à paliçada guarda de Umaytá, onde o rio em seu curso flui sobre a distância de meia milha para o norte. Na entrada menor das duas ilhas o canal é guardado pelo piquete Araza. Um pouco mais internada que a guarda do

[15] Curupaití.

Umaytá[16], fica a aldeia de mesmo nome. Nós ficamos detidos aqui desde o dia 26 de setembro até 1º de outubro, por falta de um vento suficiente. No dia 30 de setembro, oito ou dez canoas armadas desceram a correnteza para relevar a guarda de la Patria. O alferes no comando veio a bordo. Deixando Umaytá no dia 2 de outubro, passamos o piquete de Timbó e, aproveitando uma excelente corrente Este- Noroeste, chegamos à guarda e paliçada de Tayu, onde Soria foi feito prisioneiro pelas tropas de Francia depois de ter descido o rio Vermejo, a partir de Oran, na Bolívia, no ano de 1826. Em 3 de outubro, passamos Tayu e logo chegamos à vista da foz do rio Vermejo, Ỹpuitá na língua Guarani que, como em espanhol, significa rio vermelho. Algumas léguas mais nos levaram ao piquete de Monterito e às 2 horas da tarde entramos no canal entre a terra firme do Paraguai e ilha que forma o porto de vila de Pilar de Ñembucú. Viemos para ancorar em frente à casa da guarda portuária e arrastamos o navio para perto do banco. A costa estava repleta de pessoas, que evidenciavam sinais de satisfação com a nossa chegada. Eu imediatamente me apresentei ao comandante militar, dom Francisco Perreyra, na casa da guarda portuária, que me disse que tinha ordens de seu governo, para fornecer-nos toda a ajuda que pudéssemos requerer e para nos dar toda a liberdade possível em nossas transações comerciais. A cidade de Ñembucú, está situada na margem esquerda do rio

[16] Humaitá.

Paraguai, a 26.52 de latitude sul e 58,11[17] de longitude Oeste de Greenwich. A cidade foi construída em quadrado, todos os terrenos sem construção são fechados com cercas fortes. A praça principal, situada na parte de trás desta cidade, é uma área quadrangular de cerca de 240 por 180 jardas. Lá está a residência da igreja e do cura, da escola estatal, a comandância ou residência do governador militar, o cabildo, e a casa da alfândega. Uma extremidade da praça é ocupada pelo quartel de infantaria. Existem também alojamentos espaçosos para as tropas dentro da comandância.

O porto tem quatro braças de água ao longo do banco, é protegido de todos os ventos, tem espaço, perto do banco, para uma centena de navios descarregarem e carregarem. Ele é guardado por uma paliçada, semelhante à que eu descrevi na guarda de la Patria, guarnecida por cerca de 60 homens. Lá fica o escritório do capitão do porto e um depósito da alfândega. Encontramos no porto, em nossa chegada, seis pequenos barcos da cidade de Corrientes que tinham ido para lá sob os termos do tratado recentemente celebrado. Eu encontrei também, para minha surpresa, o oficial que nos tinha abordado em Umaytá. Ele tinha sido enviado para a guarda de la Patria, para explicar a razão pela qual teria vindo a bordo, quando em seu caminho para o seu posto. Em 6 de outubro, eu enviei ao governo, por intermédio do comandante, os documentos impressos contendo a correspondência entre o governo de Buenos Aires e os agentes

[17] Para a posição da cidade de Pilar, Hughes acertou a latitude com perfeição, mas errou a longitude por 7 minutos.

da França durante o bloqueio, afirmando que eu tinha sido cobrado para entregá-los pelo Governador Delegado de Buenos Aires em uma oportunidade adequada, a qual eu considerei que tinha chegado com a admissão de um navio argentino em um dos portos do Paraguai.

Em 7 de Outubro às 11 horas da manhã fui convocado para o gabinete do comandante e, na sua presença, a do escrivão e seus diretores, as seguintes interrogações me foram colocadas, as quais tinham acabado de chegar de um expresso da cidade de Assunção.

1º - Se, efetivamente, eu me apresentava com a bandeira de Buenos Aires, mesmo que eu estivesse trazendo comunicações oficiais do secretário de estado dos negócios estrangeiros de sua majestade britânica e um passaporte a partir do mesmo, endossado pela legação britânica em Buenos Aires?

Eu respondi que a exploração do rio Paraná sob uma bandeira estrangeira não tinha precedentes, que tendo, na ocasião, solicitado uma licença para um navio britânico, o governador delegado de Buenos Aires tinha afirmado, que ele não tinha o poder de conceder-me, pois era necessário também obter o consentimento das outras províncias da Confederação Argentina.

2º - Se isso foi feito na suposição de que a República do Paraguai pertencia à jurisdição de Buenos Aires, como foi dado a entender através de uma carta interceptada datada de 10 de junho passado, a partir desse mesmo governador

Rosas para seu lugar-tenente, na qual ele sacrílegamente insulta a independência do país e seu governo.

Eu respondi que não tinha nenhuma razão para supor que o país fosse parte da a jurisdição de Buenos Aires; pelo contrário, eu tinha sido particularmente encarregado de cumprir todas as estipulações e regulações do seu governo durante a minha estadia. Que eu não sabia absolutamente nada sobre a carta, embora eu não estivesse longe de estar convencido de que ela pudesse conter suposições e fosse forjada em Corrientes.

3º - Supondo que eu fosse recomendado pelo governo a navegar com a bandeira britânica ou a paraguaia - se eu poderia ter quaisquer dificuldades ou objecções.

Eu respondi que, se o governo exigia, eu não deveria ter qualquer objeção para navegar para Buenos Aires com a bandeira do Paraguai, convencido de que seria bem recebido, e que, se relacionava a meus próprios interesses, [pois] a sua neutralidade, dadas as circunstâncias atuais, iria me proteger de eventuais ataques.

Depois de concluir esta comunicação, o comandante me perguntou, qual bandeira eu tinha hasteado no porto de Corrientes. Eu respondi, a Argentina, pois seria fácil provar pelo testemunho de toda a tripulação, com o consentimento do próprio governador Ferré, que havia dito que a guerra não era contra a bandeira argentina, mas contra o atual governo de Buenos Aires.

Na segunda-feira 11 de outubro, eu fiz a minha aparição no gabinete do comandante, de acordo com uma ordem e foi dito em nome do governo, que as comunicações impressas tinham sido recebidas, mas que não obstante a profissão de amizade do governador delegado de Buenos Aires, os cônsules declinaram por ora, para dar crédito ao teor da carta de 10 de junho, mesmo que eu a tivesse classificado como suposições. Que o governo de Corrientes tinha manifestado seus princípios de moderação e de justiça ao admitir a bandeira de seu inimigo dentro de seu porto. Que o cônsul desejava que cada indivíduo que fosse ao Paraguai içasse sua própria bandeira e não exclusivamente a de Buenos Aires. Uma permissão foi concedida para que eu fizesse uma saudação em honra da festa da padroeira da vila, que eu havia solicitado em conformidade com o pedido de vários habitantes da cidade.

Assim, à tardinha, ao pôr-do-sol, eu disparei uma salva de cinco canhões, e na manhã do dia 12, o dia da festa, ao nascer do sol, eu disparei uma salva de vinte e um canhões. O coadjutor, o alcaide e o corregedor, me fizeram uma visita após os serviços e no final do dia, eu esperei pelo comandante, quando um despacho do governo foi lido para mim como se segue, os cônsules da República do Paraguai, ordenam o comandante militar e o governo delegado da vila de Pilar do

Ñembucú, para transmitir seus agradecimentos ao súdito britânico etc., etc., etc., pela salva de vinte e um canhões com as quais ele contribuiu para a celebração da festa de N. S. do Pilar, no dia 12 do presente mês.

Além disso, que os cônsules refletiram sobre as respostas que haviam sido dadas pelo súdito britânico acima mencionado, para o interrogatório que foi feito por ordem deles e sentiram-se plenamente satisfeitos de sua veracidade e boa-fé.

Ademais, que os cônsules concediam sua permissão para o referido súdito britânico para passar à capital Assunção, levando consigo suas armas pessoais, juntamente com um dos homens da minha tripulação, aquele que julgasse adequado, após o que, o comandante da vila de Pilar, faria preparar o maior canoa do governo a seu cargo e fornecer quatro de seus melhores e mais duros peões, com dois guardas fuzileiros devidamente armados e responsáveis por usar o devido cuidado no trajeto, para evitar os índios do Chaco, que têm manifestado, nos últimos tempos, uma disposição hostil em algumas partes da costa e o comandante iria fornecer ao referido súdito britânico um passe, ordenando às guardas e piquetes no trajeto, para dar-lhe toda a assistência que pudesse demandar. Eu chamei o tal Torrent para me acompanhar, mas me foi dado a entender que ele não teria sido considerado como pertencente à minha tripulação, mas prontamente foi dado o consentimento que

nosso conterrâneo, senhor John Markland pudesse fazê-lo. Persuadido de que seria adequado que eu me apresentasse o mais rapidamente possível ao governo, eu disse ao comandante que eu estava preparado, ao que ele respondeu que eu deveria proceder na manhã seguinte, ao raiar do dia.

Partimos de Ñembucú, ao nascer do Sol, no Domingo, 17 de outubro, acompanhados por seis homens e, ao pôr do sol, passamos a foz do rio Tebiquari, que é navegável por pequenas embarcações até Villa Rica, um distrito no qual tabaco é o cultivo principal. Encontramos toda a linha de costa guardado por estações de piquetes, a distâncias de três milhas um do outro. Ficamos durante a noite, no primeiro piquete, além da foz do Tebiquari. Na segunda-feira, dia 18, passamos a Herradura e às 4 horas da tarde chegamos à insignificante cidade de Villa Franca. Nós continuamos até as 10 da noite horas, quando chegamos à guarda Grande de Formosa, construída pelo falecido ditador no, Chaco, com o objetivo de conter as incursões dos índios. Esse porto é similar, em sua construção, àquele da guarda de la Patria, no Paraná, com a exceção de que é muito mais extenso e que os edifícios interiores são construídos de tijolos e cobertos com telhas, a fim de torná-lo à prova de fogo. Na Terça-feira, dia 19, seguimos subindo o rio e, à noite, chegamos à guarda de Reculeto[18], encontrando a costa ocupada por estancias ou fazendas de pastoreio. Cedo na manhã de Quarta-feira, nós

[18] Recoleto?

passamos outro forte no Chaco, chamado Orange, devido ao célebre charco[19] de Orange e ao meio dia chegamos à guarda del Mortero. Na Quinta-feira, dia 23, chegamos à guarda de Monteclaro, no Chaco, a mais conveniente e extensa de todas as guardas. Na sexta-feira, nós viemos até Angostura, um canal confinado em seu curso por uma cama ou rochas que se estende para fora do lado paraguaio e vieram à vista as colinas de Cumbaryti, e logo chegamos à cidade de Villeta, escassamente habitada, mas com uma boa igreja. Aqui também, encontramos um guarda confortavelmente aquartelada. O país no entorno é densamente povoado. Um pouco acima de Villeta, fica a guarda de Santa Helena, no Chaco. A partir de aqui a paisagem do rio tornar-se mais especialmente pitoresca. A costa principal do Paraguai fica limitada por altas falésias de arenito vermelho. Sob os penhascos de Santo Antonio, encontramos estabelecida uma tribo de índios payaguás; o chefe falava espanhol muito fluentemente. Às 11 horas da manhã nós passamos o distrito muito romântico de Lambaré, continuando, até que, na manhã de Sábado, dia 25[20] de de setembro[21], atingimos a guarda de las Cañoneras, na cidade de Assunção, onde desembarcamos e permanecemos até o dia raiar, quando fomos conduzidos para um edifício muito adequado, o quartel do Hospital,

---

[19] Na transcrição ficou uma dúvida sobre se o termo era "puna" ou "psina", ambos possíveis devido à caligrafia do autor e à palidez do traço original. "Puna é uma palavra por mim desconhecida, "psina" pode ser uma tentativa malsucedida de replicar a palavra castelhana "piscina", que significa "charco" entre outras coisas.

[20] O dia 25 não foi um Sábado, mas uma Quinta-feira. Ele se referia, provavelmente ao dia 23.

[21] Obviamente o autor quis dizer "outubro". O mês, inclusive, está sublinhado no original em inglês.

a fim nos apresentarmos ao comandante, que é o principal chefe militar na República; o único que detém o

posto de capitão e que tem sob seu comando o batalhão de guardas granadeiros, formado pelo falecido dr. Francia para sua guarda pessoal, que atualmente é composto por cerca de quatrocentos homens, cuja altura média não pode ser inferior a 6 pés e 2 polegadas e cujos armamentos e apetrechos são iguais aos de tropas europeias e são o melhor corpo de homens que eu já tinha visto em outros lugares na América do Sul. Nessas primeiras horas do dia descobrimos que o comandante tinha ido visitar os diferentes ramos militares no âmbito da Capital e para apresentar o seu relatório diário no palácio do governo. Voltamos para a nossa canoa, e fomos levados até a guarda de Galpon, onde encontramos o oficial em questão, o capitão Dennis, que nos recebeu com grande gentileza e fez-nos sermos levados para a casa de Lady Martines Saenz y Mariño, que havia sido preparada para a nossa recepção por ordem do governo.

Às 9 horas da manhã, um oficial do palácio do governo chamou para me informar que sua senhoria o cônsul Lopez estava preparado para me receber e eu imediatamente acompanhei-o até a presença desse personagem. Sua senhoria me recebeu com muita cortesia e desejou-me as boas-vindas a Assunção. Depois de inquirições a respeito de minha viagem a partir Ñembucú e o tratamento que havia recebido no caminho, ele disse que queria me pedir desculpas pelos os interrogatórios aos quais fui submetido e expressou sua inteira convicção

da sinceridade das minhas respostas e de minha própria boa-fé. Sua senhoria passou a dizer que o conteúdo da carta de 10 de junho havia provocado sua profunda indignação, na medida em que governo do Paraguai não tinha de qualquer maneira atacado o de Buenos Aires e que, na carta, não tinha apenas um ataque gratuitamente inferido contra a independência e direitos dessa república, mas que as pessoas de seus primeiros magistrados foram, desenfreada e grosseiramente, insultadas. Que ele e seu colega desejavam manter a paz e a amizade com todo o mundo, mas particularmente com os estados vizinhos, mas que eu poderia facilmente compreender que sentimentos dessa natureza, entre governos, não tinham outra coisa além de pouco valor quando comunicados verbalmente. Se, ele disse, o governo de Buenos Aires, realmente desejava estabelecer boas relações com o do Paraguai, que dificuldade encontrava em dirigir-se através de um expediente oficial? Que, no entanto, ele havia recebido com satisfação a disposição amigável de senhor Arana e que ele sentia especial satisfação em ser capaz de manifestar-lhe os seus desejos de estar ao seu dispor. Que o governo do Paraguai já tinha tomado em consideração a conveniência de abrir uma comunicação com aquele de Buenos Aires, por intermédio de uma pessoa credenciada. Que esta disposição tinha avançado a tal ponto, que uma pessoa tinha sido designada para ser comissionada, mas que com

semelhante carta diante deles, como a de 10 de junho, a disposição tinha sido alterada. Que a carta em questão não tinha sido interceptada, mas tinha sido enviada pelo governo oriental, acompanhada de documentos oficiais que colocaram a sua autenticidade além de qualquer dúvida. Que a carta foi dirigida a uma pessoa que tinha deixado de existir. E, depois de sua morte, ela tinha passado para as mãos do governo oriental.

Sua senhoria perguntou se eu estava familiarizado com o autógrafo do governador Rosas e se ofereceu para colocar a carta diante de mim. Eu informei a ele que eu não estava familiarizado com a escrita à mão daquele personagem e, como eu não poderia consentir em tornar-me pessoalmente responsável tanto por suas visões políticas como por seus atos, eu pedi para recusar a confiança com que ele me honrou. Eu, no entanto, implorei que sua senhoria perdoasse minha ousadia em repetir, na sua presença, as minhas dúvidas com respeito à autenticidade da carta. A circunstância de que ela contivesse insultos devassos e brutos podia ser tomada como prova convincente de que não emanavam da origem indicada. Que o governador Rosas geralmente ia direto ao ponto e que sua política era demasiado sincera e de alto nível para dirigir ataques pessoais da natureza indicada na carta; que quaisquer que seus mais profundos pontos de vista pudessem ser, eu considerava ele tinha muita experiência e que sempre foi prudente para evitar expressar-se nos termos e tons citados. A fim, no entanto, de

colocar isso além de qualquer dúvida e para provar a sinceridade com a qual eu tinha comprometido a transmitir ou comunicar a disposição favorável do senhor Arana, propus a sua senhoria colocar o meu navio e minha carga sob proteção e partir imediatamente para Buenos Aires, para obter uma negativa imediata e oficial do fato.

Eu pedi ao cônsul para, ao menos, suspender seu julgamento sobre esse particular e que em nenhum caso escondesse sua opinião sobre o governador Rosas sobre a carta, como se ela fosse autêntica; o governo do Paraguai, por sua ligação com a província de Corrientes, obteria muitas outras provas, mais convincentes das intenções nelas declaradas, conferida pelos arquivos desta última, em um período em que ela não existia como um Estado separado ou dissidente do governo da Confederação; mas não ter essa prova deixava claro que ela não existia, porque a correspondência entre o governador Rosas e o governador falecido de Corrientes, Atienza, era do meu conhecimento e que a partir dela, algo teria chegado às suas mãos: mais provável, mais oficial e mais em ordem, do que as atuais cartas vagas. Eu lembrei o cônsul que o governo de Buenos Aires não recebeu nenhuma notificação oficial da mudança de governo no Paraguai e que, consequentemente, mal podia dirigir-se sem saber a quem. Que minha admissão ao comércio com esse país tinha sido

considerado meu duvidoso[22] [sic] e que, consequentemente, sua senhoria tinha menos motivos para se surpreender que a disposição amigável do senhor Arana, tivesse de ser comunicada verbalmente. Que a minha expedição tinha sido pensada antes que a morte do falecido ditador tivesse sido conhecida e que, no meu caso, o governo de sua majestade britânica endereçou uma comunicação exclusivamente a meu favor; que o governo de Buenos Aires tinha considerado, a pedido do ministro britânico, conceder-me um passe para o Paraguai, sem interrupção, mesmo que o trânsito para a província de intermediária de Corrientes estivesse fechado. Que a expedição tinha tido sua origem em um desejo meu de visitar esse território, que ambos governos, o britânico ao me recomendar e o de Buenos Aires, ao conceder-me a passagem, advertiram que a responsabilidade era minha. Nenhum deles tinha quaisquer relações oficiais com o governo do Paraguai e são ignorantes se o outro desejava estabelecer tal; além de recomendar a minha pessoa e os bens, o de Buenos Aires, havia mostrado sua disposição para cultivar relações de comércio, solicitando o meu favor, a estrita incomunicação da província de Corrientes e que o governador delegado tinha me encarregado, juntamente com o senhor Torrent, agora em Ñembucu, para comunicar ou transmitir, em uma ocasião apropriada, estes sentimentos ao governo do Paraguai.

[22] "My doubtful" no original.

Sua senhoria não fez qualquer observação sobre minha associação com Torrent, respondeu que ele tinha apreciado muito o sentimento amigável do senhor Arana, acrescentando que como eu estava sem qualquer caráter público, não foi possível organizar qualquer coisa, mas que no meu retorno eu deveria levar respostas correspondentes, que manifestariam a disposição de seu governo. Em uma conversa genérica que se seguiu, sua senhoria mostrou-se muito interessado na correspondência entre o governo argentino e os agentes franceses, durante o bloqueio e evidenciou sua admiração pelo general Rosas, pela firmeza na manutenção dos direitos da nação. Ele condenou, igualmente, a violência da imprensa, em Corrientes e Montevidéu, que se dizia que era mais calculada para excitar do que para guiar; como também o lema imprecatório do selo oficial buenairense que, segundo ele, argumentava desfavoravelmente para a eminência ou excelência do governo daquele lugar. Ele reclamou que as publicações editadas por estrangeiros, que tinham estado no Paraguai, eram injustas em seus relatos do país e que o governo do falecido ditador era mal representado em muitos casos.

Ele estava desejoso de saber que objeto os residentes franceses em Montevideo poderiam ter para protestar contra um tratado que felizmente [trouxe] a paz entre seu país e Buenos Aires, e emprestou-me uma cópia do relatório de A. G. Bellemaris para os seus eleitores, publicado no jornal Nacional Correntino,

afirmando que a partir daí pareceu que o governo britânico estava propenso a adotar os pontos de vista do senhor Bellemaris. Ao tomar minha mão, sua senhoria me disse que ele desejava que o seu ministro das finanças, Juan Manuel Alvarez, e seu secretário de governo, Domingo Francisco Sanchez, atendessem a quaisquer solicitações que eu pudesse ter e que no dia seguinte ele ficaria feliz em me ver. Na manhã seguinte, à mesma hora, acompanhado por um oficial em espera, eu segui para o palácio do governo e fui honrado com uma audiência do governo supremo, suas excelências os cônsules Carlos Antonio Lopez e Mariano Roque Alonso, estando ambos presentes. Eu pude observar aqui, que, quando, como nesta ocasião, os dois cônsules estão juntos, seu estilo é "excelência", quando em outros casos é "senhoria".

Sua excelência o cônsul Lopez me solicitou para lançar fora de minha mente qualquer impressão a respeito da carta interceptada, no que se relacionava a mim mesmo e reiterou a sua convicção de minha própria boa-fé, finalmente. Ele passou a dizer que ele estava totalmente ciente da posição atrasada do Paraguai, no que diz respeito aos grandes avanços feitos pelo mundo em geral nas ciências e expressou sua convicção de que os recursos do país seriam mais rapidamente desenvolvidos pela assistência de talentos, indústria e capital estrangeiros. Que ele, pessoalmente, era favoravelmente

disposto à admissão de estrangeiros de boa conduta, desde que se submetem-se às leis existentes do país.

O governo britânico poderia ter certeza que todos os súditos britânicos que quisessem estabelecer-se como mercadores, em Itapuã ou Ñembucú, encontrariam justiça e proteção. Que esses dois portos tinham sido nomeados pelo congresso soberano da república, como os únicos portos nos quais o comércio exterior seria permitido. Que quando a guerra nos estados vizinhos acabasse e a confiança restabelecida, isso poderia, talvez, ser alterado.

Homens profissionais, como médicos, boticários ou artesãos e mecânicos, que quisessem estabelecer-se definitivamente no país, poderiam apresentar-se em um dos referidos portos abertos e depois de feitas as suas diligências junto ao governo, as circunstâncias de cada caso seriam levadas em consideração e seria tomada uma decisão sobre o mesmo. A questão recente do bloqueio francês mostrava que uma admissão indiscriminada de estrangeiros, sobre cujo caráter e conduta nada fosse conhecido, poderia envolver o país em dificuldades e disputas até onde o comércio exterior estava em causa, todos os grupos e nações, podem importar suas mercadorias para Ñembucú ou Itapua, após o pagamento

das taxas estabelecidas e tirar os seus lucros. Tais partidas só teriam de obedecer aos regulamentos de polícia dos portos mencionados, necessários para a manutenção da ordem e tranquilidade; que não haveria intrusão em sua posição como estrangeiros; que eles teriam total liberdade para efetuar todas as suas operações sem interrupção ou interferência; mas que qualquer indivíduo que de própria vontade, desejasse estabelecer-se permanentemente em qualquer outra parte do país, só poderia esperar obter permissão para fazer isso depois que o governo estivesse satisfeito com a propriedade da concessão da referida licença no caso particular e em cujo caso, seria de esperar que eles respeitassem com contentamento as leis gerais da república. Aventurei-me a lembrar-lhe que eu tinha sido advertido pelo ministro britânico em Buenos Aires, que a minha expedição ao Paraguai foi realizada inteiramente sob minha própria responsabilidade; não existindo relações oficiais existente entre os governos dos dois países. Os ministros de sua majestade britânica não poderiam responder por minha pessoa, nem sobre em que condições eu poderia ter permissão para o comércio. Isso eu candidamente confessei a sua excelência, a fim de que ele pudesse perceber o reconhecimento dos princípios que ele antecipou na conduta observada pelo governo britânico no meu caso particular. Que, quando uma vez ciente dos justos e liberais pontos de vista

de suas excelências, eu pensei ser provável que um agente credenciado instruído sobre estes pontos por seu governo, pudesse, no decorrer do tempo, ter a possibilidade de arranjar tais assuntos à satisfação de ambas as partes. O despacho que eu tinha trazido havia sido escrito por minha solicitação e que eu imaginava que o comportamento subsequente adotado pelo governo britânico dependeria muito da resposta que eles recebessem para tal. Eu disse-lhe que o governo britânico não professa a agir, exceto para a vantagem e interesse dos súditos de sua majestade, mas que não iria procurar obter tais vantagens, exceto por um cumprimento rigoroso das regras de justiça e das leis das nações, para essa observação ele respondeu que achava que ambas as considerações seriam consideradas aceitáveis no Paraguai.

Ele pareceu desejoso de averiguar quais poderiam ser os pontos de vista do governo britânico com respeito à soberania do rio Paraná, como assumido pelo governo da província de Buenos Aires, em nome da Confederação Argentina.

Ele reclamou que a navegação do rio deveria, aparentemente, depender da disposição do governo de Buenos Aires, que como estavam as coisas, o comércio com o Paraguai era susceptível de ser interrompido ou parar completamente, de acordo com a conveniência dos governantes de Buenos Aires, o seu interesse em evitar qualquer comunicação com essas províncias

com as quais eles pudessem estar em guerra, (embora tal guerra pudesse ser e era totalmente desinteressante para o Paraguai) ou quando caprichos pessoais pudessem ditar o fechamento do rio; e mesmo quando foi permitida a comunicação como tinha sido no presente caso, considerou muito injusto que Buenos Aires devesse cobrar o mesmo imposto sobre bens enviados rio acima como se eles fossem consumidos em seu próprio território. "Se", disse ele, "Buenos Aires realmente entretém as opiniões injustas de dominação ulterior sobre seu país e era de opinião de que poderia enfraquecer seus recursos, mantendo-a em seu estado anterior de isolamento do resto do mundo como as coisas foram até agora, parece que tem todo o poder para fazê-lo".

Enquanto eu confessei a minha incapacidade de dar a sua excelência qualquer informação positiva sobre o assunto, eu me permiti deduzir dos termos do tratado preliminar de paz celebrado entre o Império do Brasil e a República Argentina sobre o reconhecimento da independência do Estado do Uruguai, sob a mediação do governo britânico, que o direito assumido pela província de Buenos Aires não tinha sido reconhecido. Uma manifestação de opinião definitiva sobre a questão agora tinha sido requerida pelo governo britânico. O Império do Brasil havia permitido que o direito inquestionável à navegação do rio Paraná, sob os termos do tratado, se tornasse letra morta e, tanto quanto eu estava consciente, o governo do

da República do Uruguai tinha exigido mais oficialmente a interferência do governo britânico sobre a violação de suas estipulações pelo fechamento da navegação. No entanto, agora que a República do Paraguai declarou seus portos abertos ao comércio estrangeiro, era provável que alguma decisão fosse tomada. Ele poderia talvez descobrir a partir do teor do despacho que tinha sido dirigido ao governo do Paraguai pelo secretário de estado dos negócios estrangeiros de sua majestade britânica, um pouco sobre a disposição do governo britânico. Eu mesmo só podia julgar essa disposição pela presteza com que minha solicitação de um passaporte tinha sido atendida. O ministro britânico em Buenos Aires tinha apoiado o meu pedido para navegar no rio Paraná com um navio britânico e a recusa do governo buenairense seria, sem dúvida, comunicada ao da Grã-Bretanha. No meu caso particular, a circunstância de estar transportando um despacho oficial, somada à neutralidade da bandeira britânica durante a guerra em curso, teria sido suficiente para tornar isso desejável, mas quando o fato da abertura dos portos do Paraguai para o comércio estrangeiro fosse oficialmente comunicada, o governo de sua majestade britânica, sem dúvida agiria de acordo com a lei das nações e com vistas aos termos daquelas convenções, que tiverem estabelecido os princípios da navegação em todos os rios que pertencessem,

igualmente, a dois ou vários estados independentes.

Tomei a liberdade de observar que no despacho com o qual ele tinha me honrado, convindo com a licença para o comércio em Ñembucú, afirmou-se que a expedição original do ministro dos negócios estrangeiros de sua majestade britânica permaneceu fechada, sob a suposição de que ela se encontrava escrito em língua inglesa, não compreendida pelo governo do Paraguai e que sua excelência só tinha sumarizado a respectiva tradução oficial, transmitida pelo cônsul geral de sua majestade britânica em Montevidéu. Eu achei por bem recomendar a sua excelência que abrisse o selo do documento original e desse recibo de sua recepção. Ele observou que ao fazê-lo haveria uma inconsistência com os termos do despacho dirigido a mim. Para abreviar esta dificuldade eu imediatamente me ofereci para devolver a carta nas mãos de sua excelência, embora ao fazê-lo eu deveria permanecer sem qualquer prova oficial de ter sido autorizado a entrar no seu território, mas que eu deveria me sentir bastante satisfeito em colocar-me sob a proteção do governo do Paraguai. Ele me fez a honra de assegurar-me sua consideração favorável e afirmou que sempre sentiria prazer em provar sua estima e que esperava que a minha estadia em Assunção não provasse ser totalmente desagradável e que ele (cônsul Lopez) ficaria feliz em me ver, em particular, a qualquer momento que quisesse. Eu expressei meu reconhecimento e me retirei.

Eu tive, posteriormente, a honra de ter vários entrevistas privadas com sua senhoria cônsul Lopez e tive uma oportunidade antecipada de remover de sua mente, a importância que ele atribuiu à correspondência do senhor Bellemaris e lhe garanti que se o governo britânico possuía qualquer conhecimento do sua existência, o que eu duvidava, que não era habitual informar as opiniões ou escritos de particulares sobre assuntos relativos a assuntos de Estado, nos quais o governo de sua majestade britânica tivesse agentes oficiais empregados. Tive o prazer de apresentar a sua senhoria uma porção da vacina de linfa, um microscópio solar e uma coleção de obras históricas sobre a América do Sul, impressas em Buenos Aires, que ele recebeu muito graciosamente. A renovação do fornecimento da vacina de linfa seria muito aceitável. Expliquei a sua senhoria os progressos que tinham sido feitos para eliminar o comércio de escravos. Eu informei a ele a maneira pela qual a emancipação tinha sido efetuada nas colônias britânicas, e esforcei-me para fazê-lo entender que os interesses do Paraguai seriam promovidos pela cessação do tráfico de escravos no Brasil, o que permitiria ao primeiro, com a sua livre população, competir com o último, na produção de tabaco, algodão, açúcar e rum. Eu descobri que ele não era tão profundamente impressionado como eu poderia ter desejado, com a importância do comércio britânico e com influência britânica, apesar de que ele pareceu totalmente inteirado

com a assistência que tinha sido oferecida, em diferentes ocasiões, a estados sul-americanos.

Ele expressou sua admiração pelo caráter britânico, que ele disse ser conservador com as instituições estabelecidas, não propenso a inovações constantes, como o francês.

Não tenho dúvidas de que este parecer tendeu muito para dissipar a suspeita desfavorável que tinha sido propagada a meu respeito e ele perguntou, jocosamente, sobre se eu tinha descoberto o melhor caminho para o governador Rosas introduzir sua artilharia, acrescentando que, se ele o tentasse, iria pagar caro por isso. Ele evidentemente teme os franceses; um homem de medicina, recomendado pelo governador Ferré, manteve-se em Ñembucú por quatro meses sem obter a sua licença apenas, creio eu, em consequência de ser um francês. Ele disse que em casa e no exterior eram um povo turbulento que desejavam derrubar toda instituição estabelecida com a sua propaganda de novas doutrinas vanguardistas.

A cidade de Assunção está situada na margem esquerda do rio Paraguai, a 25º e16′de latitude sul e 57º e 41′ de longitude de Greenwich. Foi fundada em 1536 e foi a capital do império espanhol na América do Sul até 1620, quando um vice-reino e um bispado separados foram criados em Buenos Aires. Ela contém atualmente uma catedral, três paróquias e uma população de oito a dez mil almas. Há seis quartéis cômodos para aquartelar as tropas, a saber:

Quartel do Hospital, guarda gov. de granadeiros	400 homens
Quartel do Galpão, cavalaria de lanceiros	400 homens

Quartel do Colégio, Fuzileiros	300 homens
San Francisco, fuzileiros e artilharia	500 homens
Parque de Artilharia, tropas de mulatos	200 homens
Guarda da Canhoneira, fuzileiros	100 homens

A força naval é constituída por um bergantim de cerca de 150 toneladas e dez lanchões de cerca de 50 toneladas cada, além de que há mais de cinco centenas de canoas do estado, capazes de transportar dez homens cada, com seu correspondente baú de armas. No Parque de Artilharia, o governo depositou cerca de sessenta peças de artilharia, incluindo várias peças de campo de bronze. O Estado tem também um moinho de pó e fabrica a sua própria pólvora. O total das tropas de linha é estimado em cerca de 7000 homens, dos quais 5000 são de infantaria e de cavalaria 2000, mas ouvi dizer por certo que os *Urbanos* ou milícia registrada, que são principalmente cavalaria, ascendem a 40.000 homens. Estes, quando em sua cidade de alistamento, mantêm guarda nas diferentes estações de piquete da costa e do outro lado da fronteira norte, para manter sob controle os índios Mbayá, uma tribo feroz, que tem sido abastecida com armas e munições por brasileiros em Mato Grosso. A população total da república eu não tenho meios de estimar; tenho ouvido cálculos acima de um milhão, mas na ausência de qualquer informação positiva sobre o assunto, eu formei uma opinião a partir dos fatos recolhidos por observação pessoal e fundada sobre as ideias expressas por pessoas locais inteligentes. Eu acho que agora o Paraguai contém de setecentas a oitocentas

mil almas. A receita é recolhida das taxas implementadas sobre seu comércio interior e também sobre a comércio exterior realizado em Itapuã e Ñembucú. As terras do Estado, que são todas estritamente cultivadas também revertem quantidade considerável. A moeda corrente é o dólar espanhol; o falecido ditador recolhia não só todo o dinheiro que ele pudesse descobrir por multas arbitrárias e confisco, como também coletava toda a prata, que era abundantemente utilizada pelas pessoas em suas residências particulares. O montante acumulado pelo governo deve atingir o valor de vários milhões de dólares. O senhor cônsul Lopez me disse que o montante era maior do que a maioria das pessoas imaginava.

O falecido doutor Francia há muito sofria grave indisposição, anterior à sua morte. Sua doença era edematosa e sua longevidade foi sem dúvida atribuída à extrema regularidade de seu modo de viver. No dia 24 de agosto de 1840 com as próprias mãos ele atirou às chamas o conjunto dos papéis de estado que tiveram relação com sua administração. Ele morreu no dia 20 de setembro e foi enterrado com grande pompa os seus restos mortais foram acompanhados à sepultura por uma multidão inumerável quando foram depositados na Igreja de la Encarnación. Uma junta de governo foi imediatamente formada por cinco *vocales*, presidida por Antonio Ortiz, alcaide sênior e principal magistrado municipal; Cañete, chefe do quartel

do Colégio; Peyreira, chefe da guarda do hospital de granadeiros; Maldonado, chefe do quartel de San Francisco; Arroyo, Chefe do quartel *Galpón* ; Patiño, que havia sido secretário do ditador falecido e foi nomeado para o mesmo cargo sob a junta. A única circunstância notável ocorrida durante a sua administração foi a comoção do secretário Patiño, pelo vogal Peyreira, que o acusou de tentativa de obstruir as disposições da junta. Ele foi transportado para a prisão, onde cometeu suicídio estrangulando a si mesmo. Ele tinha sido o ministro de todas as severidades de seu falecido mestre e sua morte não foi muito lamentada. Um novo secretário, de nome Salduendo, foi nomeado em seu lugar. Seu governo durou até 22 de janeiro de 1841, quando o sargento Duré, do quartel do Colégio, acompanhado dos soldados dessa praça, prendeu todos os membros da junta durante uma de suas sessões e nomeou um triunvirato, composto por Medina (que tinha sucedido Ortiz como chefe do município, quando este foi nomeado presidente da junta), Campes e Benites, todos indivíduos inofensivos que ocupavam empregos antes e durante o estabelecimento da ditadura. Foi sobre nesse período que o doutor dom Carlos Antonio Lopez chegou à capital vindo de sua estância e fez sua residência no quartel de San Francisco, formando uma combinação com Mariano Roque Alonso, que tinha sucedido Maldonado no comando do quartel, quando o último se tornou

um membro da junta. Durante a vida do falecido dr. Francia, o senhor Lopez nunca tinha sido molestado, embora se afirme que, em sua profissão de advogado, tenha defendido mais de uma ação civil contra a influência do ditador. Aposentado e discreto em seus hábitos, ele permaneceu na capital, no exercício de sua profissão, até poucos anos antes da morte de Francia, quando suas enfermidades tinham aumentado de tal forma a ponto de excitar o seu temperamento mórbido em frequentes convulsões frenéticas, durante a exacerbação das quais, nem inocência, nem impotência estavam a salvo de sua fúria paranoica, senhor Lopez solicitou e obteve permissão para retirar-se de Assunção e se retirou-se para sua estância na costa do rio Paraguai.

Uma convocação foi dirigida a partir de San Francisco para os departamentos da república, requerendo cada um para enviar para a capital deputados para um congresso geral. Molina, chefe do grande acampamento militar, em San José, perto de praia de Itapuã, no Paraná, lançou-se a favor desta medida e marchou em direção à capital em seu apoio. Enquanto isso, em Assunção, o triunvirato colocado no poder pelo motim militar de Duré manteve-se inativo e foi autorizado a continuar com seu posto, sem poder.

O Congresso se reuniu em 12 de março de 1841, mais de trezentos deputados estavam presentes e declarou-se o congresso soberano

da República do Paraguai e nomeou um governo supremo composto por dois cônsules, Carlos Antonio Lopez e Mariano Roque Alonso. A eleição foi unânime, com a ressalva de que um membro, Rivarola, propôs a formação de uma constituição, pelo que ele foi duramente repreendido pelo recém-eleito cônsul Lopez, que lhe disse, "que mesmo um anjo descesse do céu, ele não poderia formar uma Constituição para se adequar às circunstâncias da República". Rivarola não foi autorizado a assinar a ata do congresso, mas foi obrigado a aplicar o seu nome a uma nota da mesma, na qual foi relatada sua proposta anárquica. Essa figura dissidente não tem se apresentado desde então.

Depois de declarar os portos de Itapua e Ñembucú abertos para comércio exterior, o congresso foi dissolvido e o governo consular assumiu as rédeas do poder.

R. B. HUGHES

MAPAS

1215.

MAP OF THE RIVERS
PARANA AND PARAGUAY,

drawn from a Cursory Survey during an expedition from

BUENOS AYRES TO ASSUMPTION

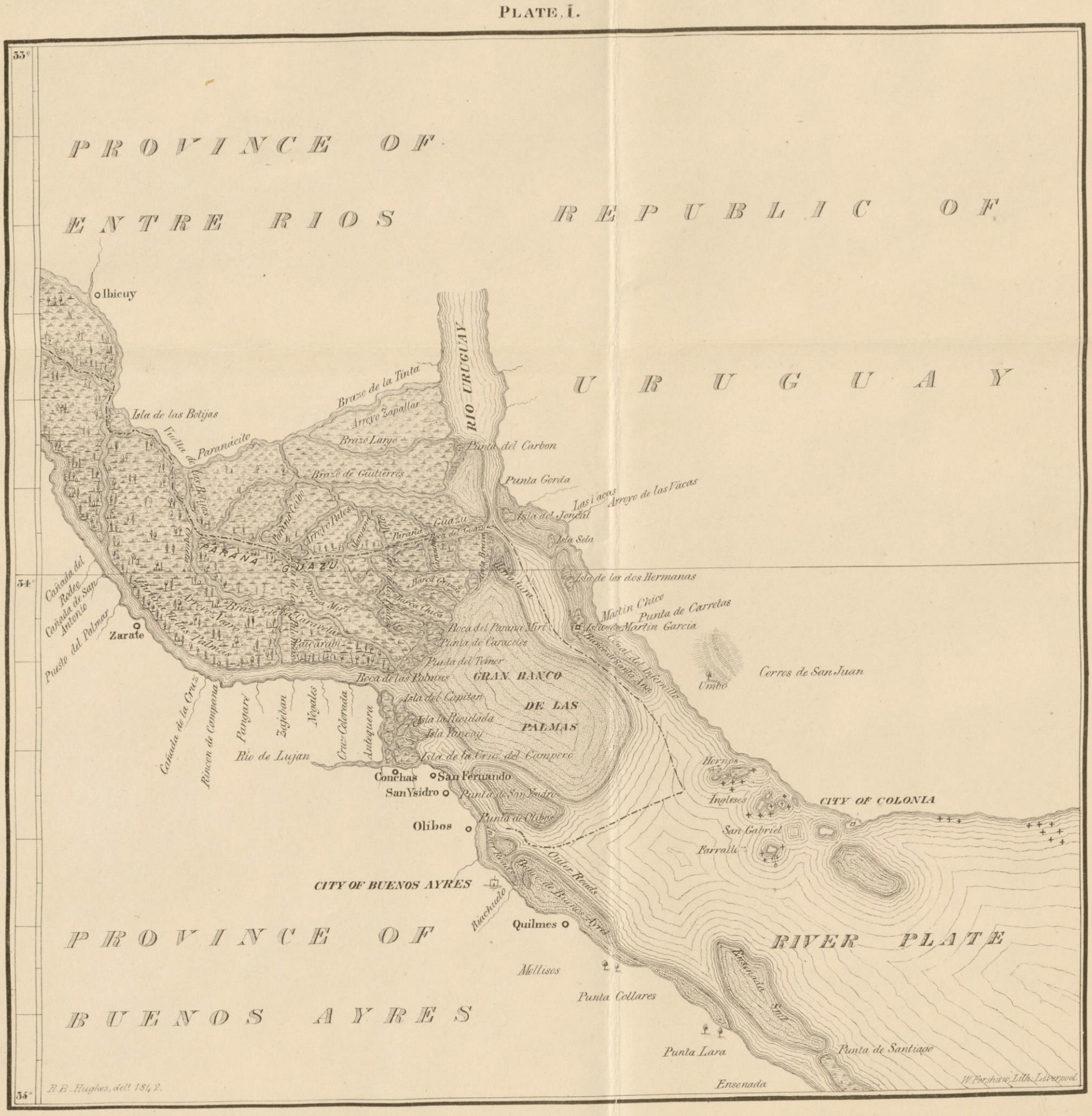
under the auspices of ***HER MAJESTY'S GOVERNMENT*** *on board the*

ARGENTINE BRIG PALM 166 TONS BURTHEN,

drawing **9 Feet** *water*

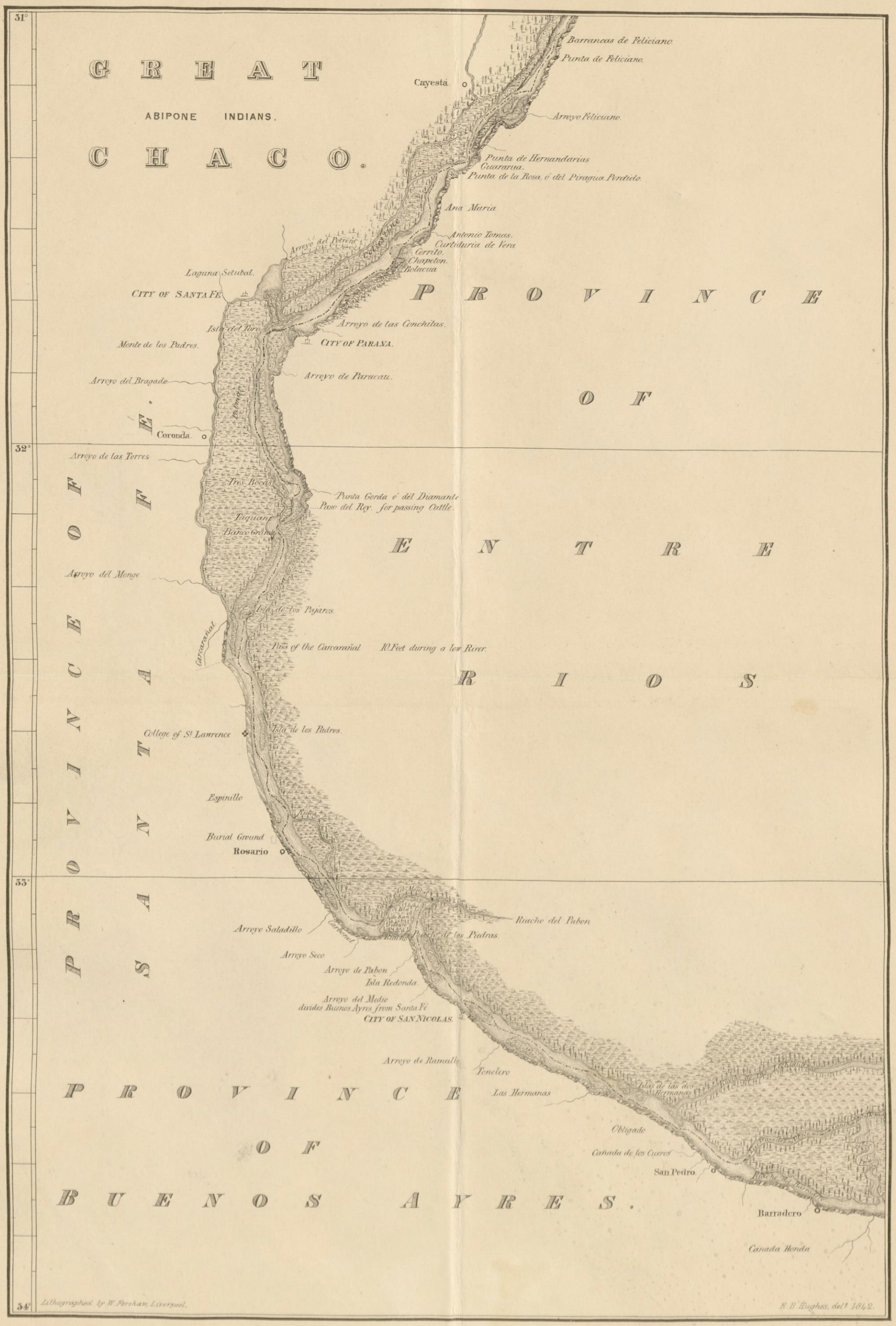
in the year
1841.

PLATE, I.



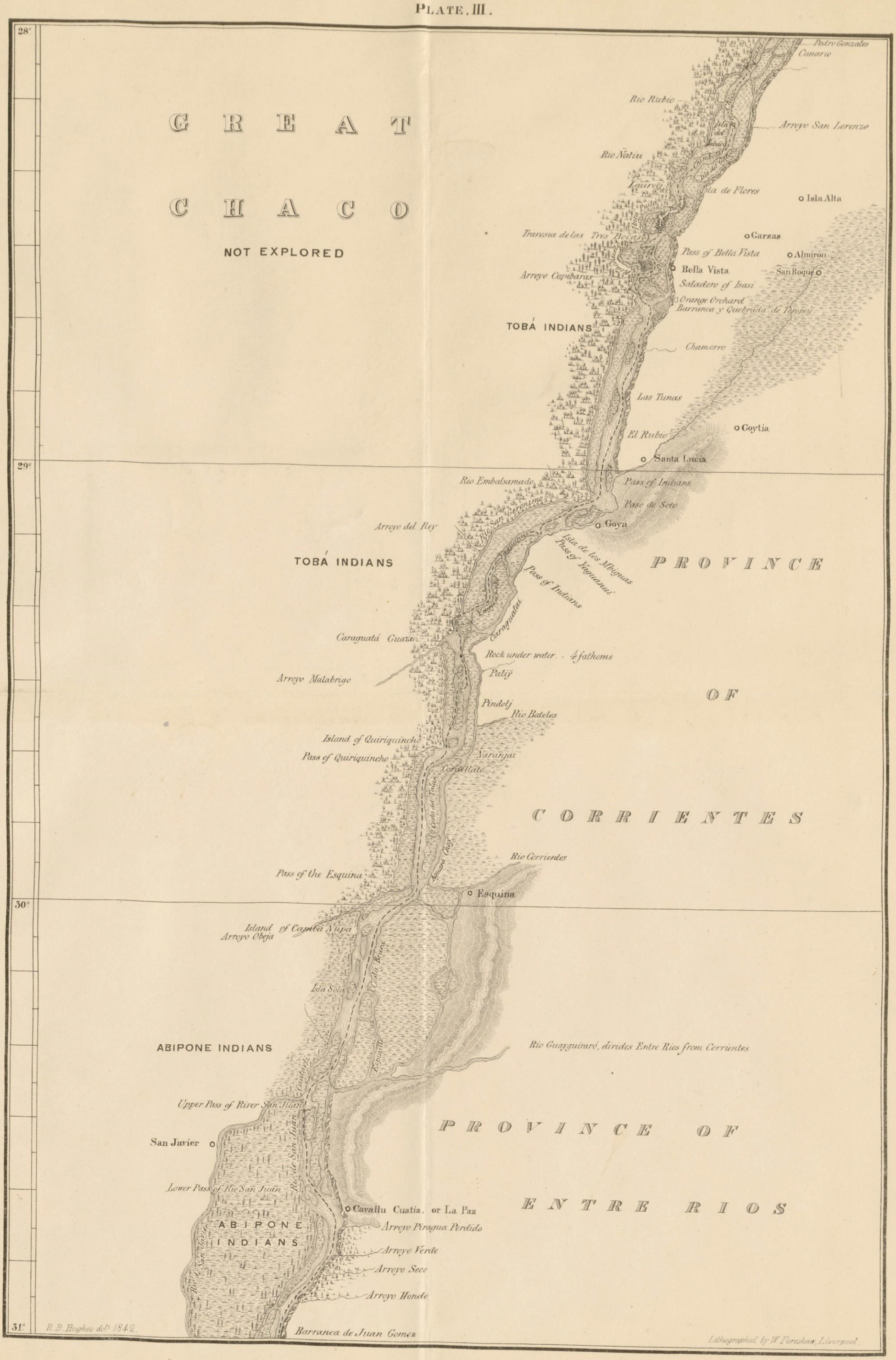
1215.

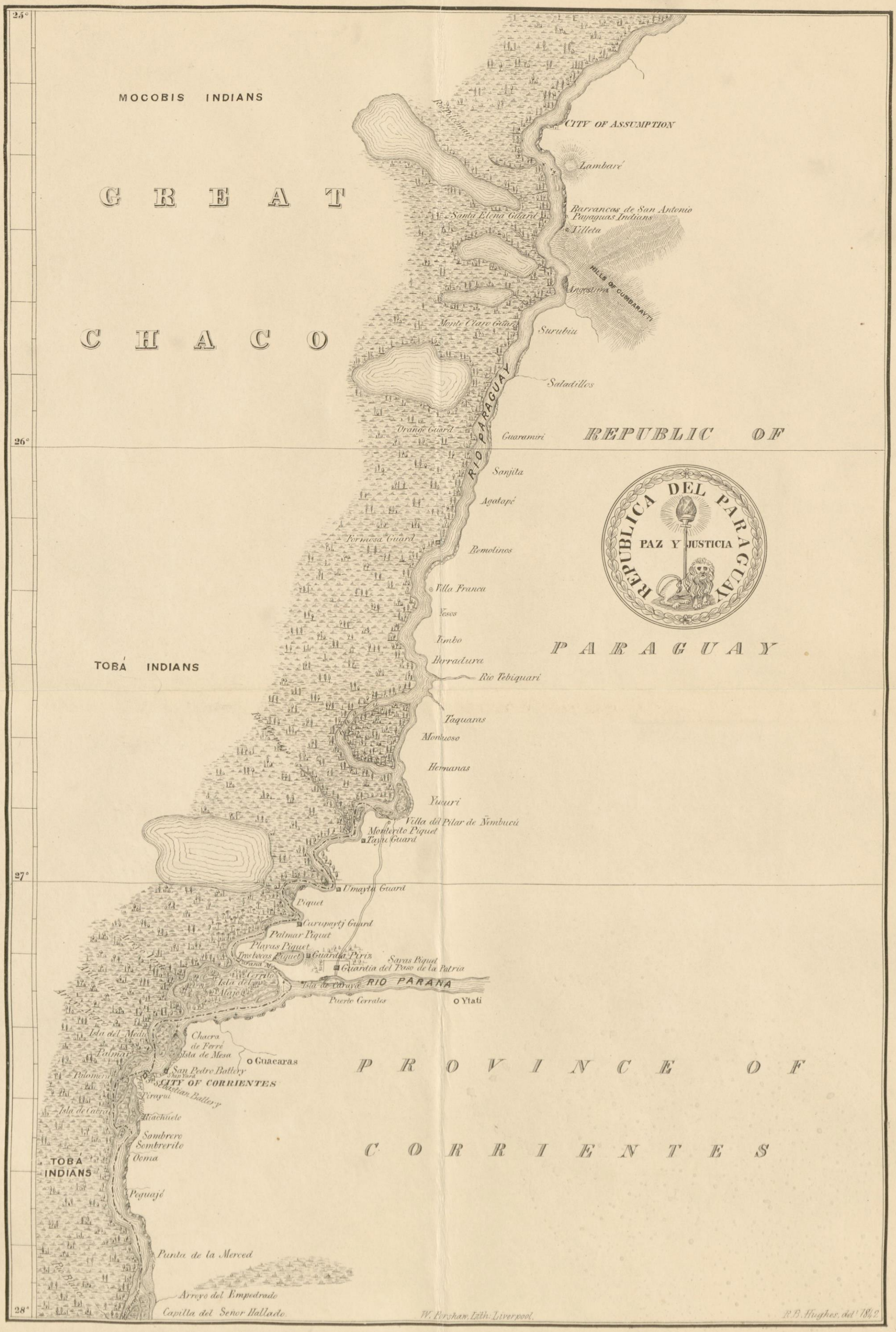
PLATE, II.



1215.

PLATE. III.



1215

PLATE, IIII.